

ACESSIBILIDADE

COMUNIDADE

CORONAVÍRUS

CULTURA E
HISTÓRIA

EQUIDADE

GESTÃO

QUALIDADE
DE VIDA

ACESSIBILIDADE

INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Limitações impostas pela deficiência não tiraram deles a vontade de ter uma vida plena e feliz

A data era 5 de dezembro, o ponteiro do relógio marcava 13h, seria mais uma quarta-feira do ano de 2018. Um dia normal para o servidor Valentim Capuzzo Neto, a não ser pela dor de cabeça que insistia em lhe fazer companhia. Nada muito preocupante para um homem de 44 anos, saudável e com os exames de rotina em dia. Por isso, como fazia diariamente, ele saiu do Senado para almoçar. Contudo, o trajeto foi interrompido por um mal-estar súbito ocasionado por um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico.

Sem conseguir frear o carro, Valentim perdeu o controle da direção até bater em uma placa, na altura da L2 Sul. Ali, foi socorrido por um morador de rua e por uma mulher que passavam pelo local. Na sequência, o Corpo de Bombeiros do DF o transportou ao Hospital de Base do Distrito Federal, onde foi constatado o AVC. Por ser beneficiário do Sistema Integrado de Saúde (SIS), o servidor foi, então, transferido para o Hospital Santa Lúcia para ser submetido aos procedimentos recomendados.

— *Lá, eu fiz a trombectomia [cirurgia de retirada de um trombo/coágulo de um vaso] com sucesso e meus membros estavam perfeitos. Mas no dia 7 de dezembro, tive um AVC hemorrágico. Aí meus movimentos do lado direito pararam —* relembra.

Ele conta que, a partir desse momento, passou a conviver com a deficiência, mas nunca desistiu de melhorar. No começo, usava cadeira de rodas, mas com “*o tempo, a dedicação, os fisioterapeutas, as terapeutas ocupacionais, as fonoaudiólogas, entre outros profissionais, eu voltei a andar com o auxílio de uma bengala, a escrever com a mão esquerda e a dirigir um carro adaptado*”.

Desde então, Valentim tem lidado com o que os especialistas chamam de hemiparesia, que é o termo usado para designar a paralisia parcial de um lado do corpo. Além do apoio incondicional da esposa, com quem divide a vida há 18 anos e tem dois filhos, de 8 e 11 anos, ele salienta que o suporte oferecido pela Casa tem sido essencial para driblar as adversidades.

— A Junta Médica [do Senado] foi muito importante para mim. Eles me incentivaram a voltar ao trabalho, com uma carga reduzida. O ex-diretor da Sinfra, Joelmo, e o atual diretor, Nélvio, foram ótimos nas iniciativas de inclusão. Eles, em conjunto com a área médica, me deram todo o apoio necessário para recomeçar a trabalhar.

Lotado na Coordenação de Projetos e Obras de Infraestrutura, Valentim agradece o acolhimento dado por algumas áreas da Casa, a exemplo do Prodasen, que garantiu prontamente a adaptação de sua estação de trabalho, e fez a pesquisa por softwares e de configurações que permitem melhor desempenho.

VOLTAR | INÍCIO



AVANÇAR



VOLTAR | INÍCIO

— Também consegui, com o apoio da Coordenação de Visitação, uma cadeira de rodas elétrica para andar pelo Senado. Eu ando, mas não consigo ir a lugares muito distantes. A cadeira me permitia ir da Sintra até o prédio onde ficava o SIS ou até o restaurante, me dando uma autonomia que antes eu não tinha. A Casa ainda precisa melhorar a acessibilidade, mas pela época que foram projetados os prédios, já evoluiu bastante — disse.



Força - “As pessoas com deficiência devem ser como uma árvore. O vento balança. As folhas voam. Os galhos secam, mas nada nos derruba”, refletiu o servidor Aires Neves, na passagem do Dia Nacional da Pessoa com Deficiência, celebrado em 21 de setembro.

A declaração do colaborador evidencia os desafios enfrentados por essa parcela da população e mostra a necessidade da construção de uma sociedade mais inclusiva e empática.

AVANÇAR

Vítima de poliomielite aos dois meses de idade, na década de 1960, Aires teve como principal sequela a limitação de alguns movimentos, o que o levou à condição de cadeirante. Para ele, é fundamental que a acessibilidade e a inclusão sejam uma luta coletiva.

— Nós precisamos ter acesso aos ambientes, aos espaços corporativos, à educação e, principalmente, acesso ao coração de cada um, não por pena, mas por solidariedade, empatia e confiança — afirmou.

Com 28 anos de Casa, ele acredita que a instituição tem feito importantes progressos na área da acessibilidade nos últimos anos, sempre buscando tornar o espaço mais acessível e acolhedor às pessoas com deficiência que trabalham, ou que circulam, no Parlamento.

— Nunca me senti excluído por causa da minha condição. Reconheço que isso seja também devido à atitude pessoal adotada. Nossa administração tem feito importantes esforços para que tenhamos um ambiente inclusivo, acessível e livre de preconceitos — disse Aires, que ocupa a chefia de gabinete do senador Flávio Arns.





— A surdez pode ser invisível aos demais porque ela não é identificável de imediato, mas o surdo não é invisível. Aonde eu vou eu falo que a maior arma contra o preconceito é a informação correta e a sensibilização. Ter um dia para comemorar pode gerar um momento de reflexão — opina.

Deficiência auditiva – No Dia Nacional do Surdo, em 26 de setembro, a servidora Letícia Tôrres, chefe do Serviço de Controle da Produção (Secpro) e participante do Grupo de Trabalho do Plano de Acessibilidade, reconheceu os avanços já alcançados, mas cobrou conscientização coletiva. Segundo ela, é necessário um trabalho constante nesse sentido, já que o país tem pouca sensibilidade no que diz respeito à saúde auditiva.

Letícia nasceu em 1989, um ano antes da obrigatoriedade da Triagem Auditiva Neonatal Universal (TANU), popularmente conhecida como ‘teste da orelhinha’ — um exame realizado na orelha dos bebês em até 48 horas após o nascimento, com o objetivo de detectar de forma precoce perdas auditivas congênitas. Ela avalia que, talvez por esse motivo, seus pais não puderam identificar seu problema nos primeiros dias de vida. Somente aos dois anos, eles perceberam que Letícia não respondia aos estímulos sonoros comuns às crianças da mesma idade e passaram a investigar os verdadeiros motivos.

VOLTAR | INÍCIO

DOCER.COM



AVANÇAR

Após vários exames e audiometrias, chegou-se a um diagnóstico: perda neurosensorial moderada severa, o que quer dizer que

Letícia possui uma perda auditiva irreversível, com uma percepção sonora entre 45 e 75 decibéis. Após anos de acompanhamento profissional,

Letícia é hoje uma surda oralizada. Ou seja, ela é surda,

porém aprendeu a falar perfeitamente e consegue se comunicar com os ouvintes utilizando a fala.

Apesar de não haver chances de reverter o quadro, a servidora reforça que a condição não lhe faz uma pessoa incapaz. Pelo contrário, isso lhe trouxe perseverança e superação.



— *É triste, mas ainda encontramos muitas barreiras atitudinais com relação à surdez. Há uns anos tive colegas de trabalho que para me chamar gritavam meu nome a ponto de eu levar vários sustos, quando basta entrar no meu campo visual e fazer um movimento ou me tocar* — revela Letícia, ao dizer que esse é apenas um exemplo das inúmeras situações pelas quais ela já passou, e que muitos surdos vivenciam isso todos os dias.



Live totalmente inclusiva – Em 18 de setembro, Letícia mediou a primeira live totalmente acessível promovida pelo Núcleo de Coordenação de Ações Socioambientais (NCas). Participaram do bate-papo virtual, que discutiu acessibilidade, comunicação e democracia, Cláudia Werneck, jornalista e fundadora da Escola de Gente, Talita Cazassus, responsável pelo blog Diário da Inclusão Social, e Patrícia Almeida, coordenadora do Movimento Down. O encontro foi transmitido pelo canal da TV Senado no Youtube e pode ser visto [aqui](#).

Para Letícia, o evento, além de ser um momento que marcou a inclusão remota no âmbito do Senado, foi também uma oportunidade para aprender mais sobre acessibilidade: “*A comunicação é minha alma. O fato de estarmos aqui hoje é um momento muito rico para mim*”.



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

Cláudia Werneck, ativista em direitos humanos e pioneira na disseminação do conceito de sociedade inclusiva na América Latina, destacou o prejuízo da falta de comunicação acessível no mundo, especialmente no período da pandemia de covid-19.

— *Nem mesmo a Organização Mundial da Saúde [OMS] utilizava dos recursos de acessibilidade em seus pronunciamentos. Tudo que já era excludente na comunicação presencial ganhou proporções exponencialmente criminosas em relação à comunicação virtual, colocando em risco a vida das pessoas com deficiência.*

AVANÇAR

■ Quase 140 mil pessoas com algum tipo de deficiência vivem no DF atualmente. No Senado, o quantitativo é de 213 colaboradores

Dados de um levantamento divulgado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), no ano passado, mostram que vivem no DF pelo menos 139.708 pessoas com alguma deficiência, o que corresponde a 4,8% da população. Para o estudo, definiu-se que pessoas com alguma deficiência são aquelas que possuem grande dificuldade ou não conseguem de modo algum realizar atividades como enxergar, ouvir, caminhar/subir degraus ou que possuem deficiência mental/intelectual limitadora.

O tipo de deficiência predominante é a visual, que atinge 2,7% da população. A motora é a segunda mais presente: 1,5% da população declarou ter grandes dificuldades ou não consegue se locomover. Em seguida, a auditiva (0,9%) e a intelectual/mental (0,8%). O percentual de pessoas com alguma deficiência é maior nas regiões administrativas de baixa renda (5,5%) e de média-baixa renda (5,3%) em comparação com as de renda alta (3,2%) e média-alta (4,7%).

No Senado, há atualmente 213 colaboradores com algum tipo de deficiência, entre servidores efetivos e comissionados, funcionários terceirizados, estagiários e menores aprendizes. Para nortear as ações voltadas a esse tipo de inclusão, o principal instrumento de gestão é o Plano de Acessibilidade. O material inicial foi organizado pelo Núcleo de Coordenação de Ações Socioambientais (NCAs) e apresentado em 2016.

A versão seguinte, de 2018, foi elaborada conforme os resultados obtidos ao longo dos doze meses de vigência do documento. As ações que tiveram as metas cumpridas em 2018 continuaram presentes no atual Plano (2019/2021) e as ações parcialmente cumpridas foram mantidas, mas com suas metas reavaliadas.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Reserva de vagas nos estacionamentos do Senado

Há 135 para pessoas com deficiência

Banheiros adaptados

11 obras executadas, entre os anos de 2016 e 2019

Reformas em áreas de circulação

20 obras executadas, de 2016 a 2019

Capacitações em acessibilidade, como cursos de Libras e de atendimento a pessoas com deficiência

Foram realizadas 375 ações em três anos

Materiais impressos em Braille

30.170, de 2016 a 2019





O que não dizer para pessoas com algum tipo de deficiência

Não as trate como especiais, coitadinhas ou heroínas. É preciso cautela com essa questão. A pessoa com deficiência não tem "superpoderes" nem espera ser exemplo, mas também não é menos capacitada do que os outros indivíduos. A condição dela é apenas uma entre tantas outras características que a constituem como ser humano.

Não infantilize um adulto por causa de sua deficiência. Essa atitude é o mesmo que subestimar sua autonomia e sua capacidade de compreensão e de decisão. converse com ela de acordo com sua faixa etária.

Não ache que uma pessoa com deficiência precisa sempre de ajuda. Nesse caso, o ideal é perguntar se ela precisa de ajuda. Por exemplo, para auxiliar um cego no metrô, ofereça um ombro como apoio, nada de puxá-lo pelo braço. Nada de tocar na roupa do indivíduo, na cadeira de rodas, muleta ou bengala sem consentimento.

Não evite falar com a pessoa, dirigindo-se a quem está ao lado dela. Pergunte diretamente à pessoa a melhor forma de atendê-la ou ajudá-la. Jamais se dirija ao acompanhante de uma pessoa que aparenta ter um impedimento para tratar de assuntos referentes a ela. Ao falar com um cadeirante, por exemplo, o ideal é se abaixar para conversar na mesma altura que ele.

Fonte: UOL

VOLTAR

DGER.COM

INÍCIO

COMUNIDADE

INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



Liga do Bem – União e empatia de mãos dadas



A palavra solidariedade remete à identificação com o sentimento do próximo. Fala de se dispor a ajudar o outro a solucionar ou amenizar uma situação difícil. E é exatamente esse o sentimento que norteia o exército de voluntários da Liga do Bem, formada por colaboradores do Senado. Durante a pandemia, o foco é proteger as parcelas mais frágeis da sociedade, por meio da doação de cestas básicas e outros mantimentos, uma prática que se acentuou nesse último trimestre.

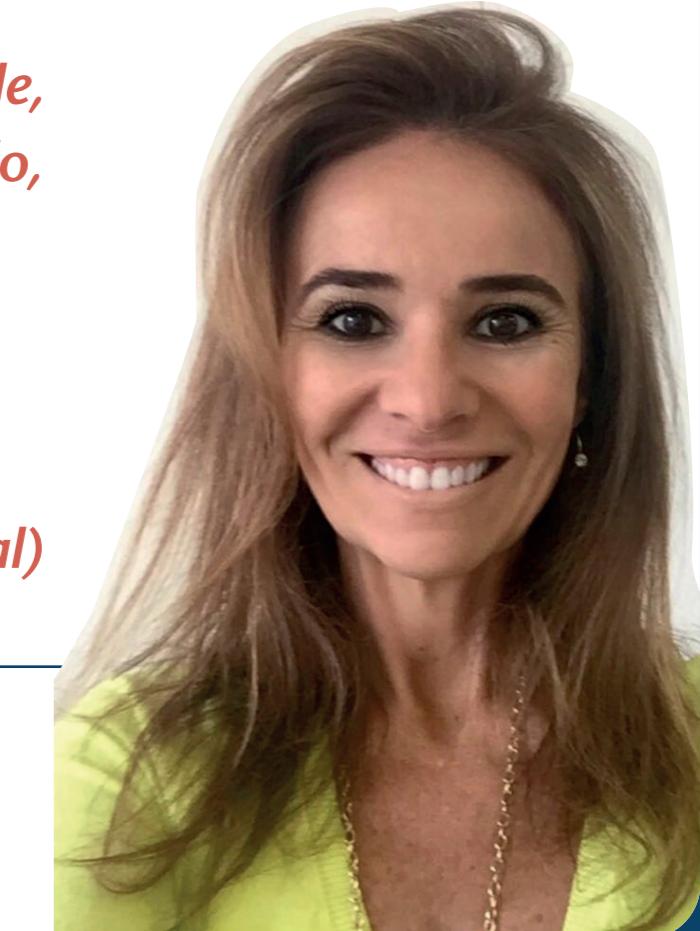


O projeto Paredes do Bem, por exemplo, cresceu bastante de agosto para cá. Hoje, as equipes envolvidas – no recolhimento de caixas de leite longa vida, no recorte, na costura e em outras funções - estão chegando à décima casa revestida com lâminas térmicas que reduzem o impacto do frio.



Como explica a coordenadora da Liga do Bem, Patrícia Seixas, as famílias beneficiadas recebem mais do que calor físico. O grupo analisa o grau de dificuldade por que passam os moradores e tentam viabilizar cestas básicas, colchão, roupas, brinquedos, utensílios, cobertores, roupas de cama e banho, além de móveis, quando necessário.

— *Quando alguma família está com grande dificuldade, damos suporte. Por exemplo, uma criança de um ano foi encaminhada ao cirurgião parceiro, Dr. Marconi, e conseguimos a cirurgia de lábio leporino (fissura labial)*
— conta Patrícia.





Outros dois projetos, segundo Patrícia, têm trazido bons resultados: o Ligado nas Tampinhas e o Lacre do Bem, que de agosto a outubro transformaram tampas, lacres de alumínios e aparas de caixas, vendidos a empresa de reciclagem, em 53 pacotes de fraldas geriátricas. O material foi distribuído a dois lares de idosos e a dois abrigos de pessoas com deficiência, todos localizados no Distrito Federal.



Prestadores de serviços - Os trabalhadores autônomos no Senado – lavadores de carros, barbeiros, cabeleireiros, manicures e engraxates – também não saíram do foco no último trimestre: receberam a sexta rodada de cestas básicas em outubro e, na sequência, uma entrega “extra” com mais alguns donativos.

Integrante do time de voluntariado, Uallacy dos Anjos Silva, vigilante da Casa, acredita ser fundamental auxiliar, de alguma forma, quem não teve as mesmas oportunidades que as suas, garantindo, assim, “uma vida digna a todos”.



— *Sinto que precisamos ajudar a melhorar a vida dessas pessoas para que elas possam ter uma oportunidade de recomeçar e se restabelecer para ajudar mais gente. Assim, como num ciclo, um dia essa desigualdade pode acabar.*





Saúde e educação – Roupas, livros, toalhas de banho, máscaras e inaladores também estão entre os itens doados pela Liga nos últimos três meses. Uma escola rural de Planaltina e o projeto Casulo, na Estrutural, receberam livros, itens de vestuário e brinquedos. Já no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), foram entregues 50 toalhas para banho; e o Instituto Vida Positiva recebeu dois inaladores e brinquedos. Enquanto isso, a Clínica de Cirurgia de Fissura Labial foi contemplada com 500 máscaras faciais, e a comunidade do Sol Nascente, na Ceilândia, com outras 200.



Corte solidário - Em outubro, como parte da programação do Outubro Rosa, foi lançada a campanha Corte Solidário, voltada à doação de cabelo para mulheres e crianças com câncer.

A iniciativa, que contou com a participação de colaboradoras e colaboradores do Senado e da Câmara, conseguiu arrecadar 540 mechas de cabelos. Sete salões atuaram como parceiros do projeto. Os itens serão entregues ao Hospital da Criança de Brasília José Alencar e à Rede Feminina de Combate ao Câncer. A ação juntou, ainda, 94 acessórios, como explica Patrícia.

— *Além dos salões, alguns estabelecimentos aderiram à parceria com a Liga e foram pontos de coleta de doações de lenços, faixas, bonés, toucas de bebê, perucas e apliques.*



São eles: as academias Body-Tech e Acuas Fitness e a loja Rainha das Maquiagens — listou a coordenadora.

Parceiro da ação, o cabeleireiro Djalma Dias tem uma ligação especial com a causa. Em 2014, ao atender uma cliente em tratamento contra o câncer, o cabelo dela começou a cair durante o corte: “*Ela realmente não queria passar a máquina. Então, depois do corte fui lavar o cabelo dela e, no momento que ia lavando, caía mais. Não teve outro jeito: tivemos que passar máquina, ela chorava tanto e eu fiquei muito tocado*”.



A partir disso, ele teve a ideia de arrecadar cabelos para perucas e, em 2015, se uniu à Rede Feminina de Combate ao Câncer e passou a doar as mechas diretamente para a entidade. No ano passado, veio a parceria com a Liga: “*É muito bom participar. Só de lembrar qual o destino que terá o cabelo que você está cortando, a gente se sente realizado. É uma energia muito positiva*”.



Djalma Dias



Foto: Arquivo pessoal



Valéria Sena, da Secretaria de Relações Públicas, Publicidade e Marketing (SRPPM), entrou no clima e disse adeus às madeixas. Segundo ela, a vontade de participar da ação a acompanha há algum tempo: *"Eu não consegui doar no ano passado. Então, deixei o cabelo crescer um pouco mais e estava aguardando uma oportunidade. É muito gratificante poder ajudar. Tenho certeza que fará uma pessoa feliz"*.

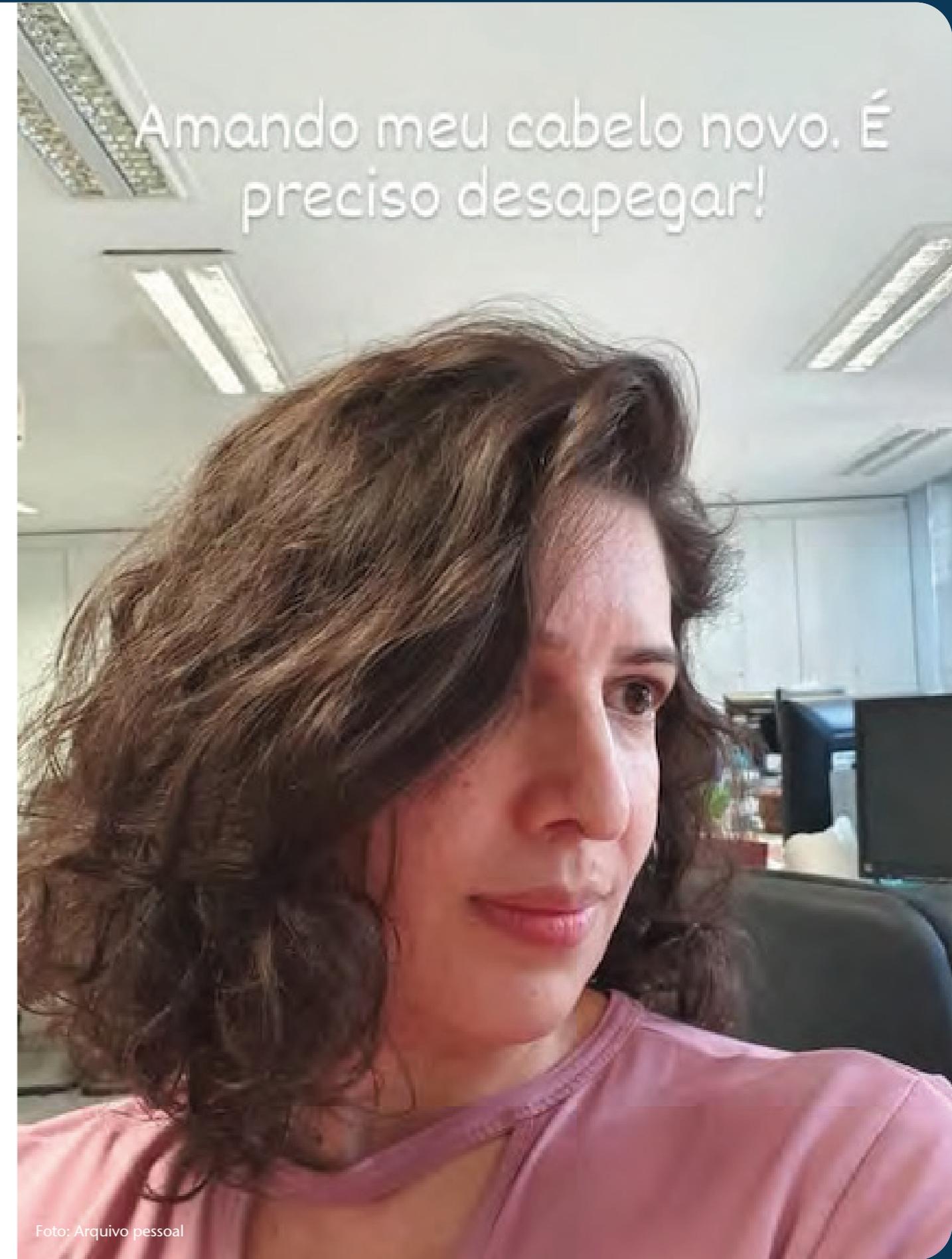


Foto: Arquivo pessoal

Amando meu cabelo novo. É preciso desapegar!

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



Foto: Arquivo pessoal

Mais projetos - Outra novidade é o Brechó do Bem. Patrícia explica que as peças passam por triagem e, algumas delas, são doadas e outras comercializadas a preços simbólicos. Ednalva Felix dos Santos Diniz faz parte do grupo Amigos da Liga e é uma das participantes da ação. De acordo com ela, o envolvimento em causas solidárias representou uma transformação pessoal.

— *Tenho certeza que me encontrei com este projeto, pois havia sempre um vazio que me tomava, uma tristeza, e descobri que ajudar o próximo engrandece qualquer pessoa que sente isso. Enfim, o verdadeiro sentido da vida é ver alguém feliz* — disse.



Cliente assídua do Brechó, a funcionária terceirizada Maria de Oliveira Pereira, que atua na limpeza da Gráfica do Senado, comemora a oportunidade de comprar trajes praticamente novos por um valor acessível: “*Tem muita variedade de roupas e comprei bastante coisas por um precinho bem mais em conta. Simplesmente adorei*”.

Sua xará e também integrante da equipe de limpeza da Gráfica, Maria José Pereira Silva, tem opinião semelhante: “*Estou achando uma oportunidade excelente para todos nós que trabalhamos aqui. Os preços são baratos e as peças de muita qualidade. E, o mais importante, é que a doação é para ajudar o próximo. Estou muito feliz. Tenho roupa até da Índia*”.

**Rainha das Maquiagens Renoir
& Ricardo Maia Vernis Chic**

**You Enjoy
Meire Reis Beleza e Estética**

Acuas

Djalma Dias

Avivar

Desiderata

Ohara Hair & Make up

Academia Bodytech

**Agradecemos
a parceria**



VOLTAR

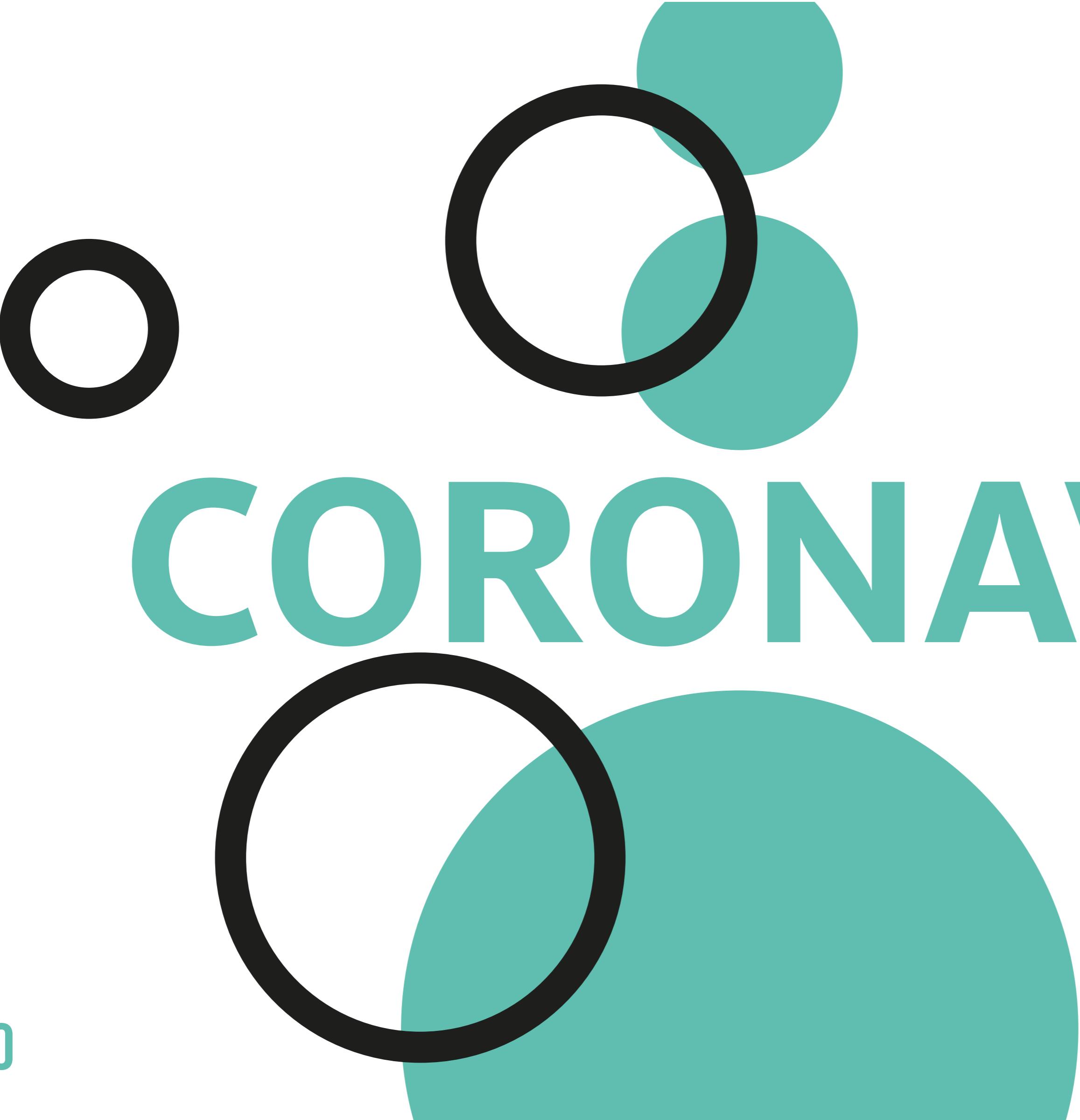
DGER.COM

INÍCIO



Ainda neste mês, entrará em cena a Campanha Natal Solidário. Entre as entidades que serão beneficiadas estão o abrigo Nossa Lar, que atende crianças e adolescentes, o Lar de Idosos Crevin e a Escola Rural Boa Esperança, que terão suas cartinhas atendidas pelos Papais e Mamães Noéis da Casa. Essa campanha já ganhou ares de tradição no Senado. Há dois anos, a Liga do Bem foi reconhecida pelos Correios como a principal parceira do DF no atendimento a cartinhas pelas quais crianças e também idosos carentes fazem pedidos de presente natalino.





CORONAVÍRUS

INÍCIO

AVANÇAR

Elas reinventaram as ações de comunicação interna durante a pandemia

Março de 2020. O calendário de eventos planejados pela Diretoria-Geral (DGer) para o primeiro semestre estava fechado. A equipe responsável trabalhava a todo vapor para que tudo saísse como previsto. Mas veio a pandemia e, com ela, o distanciamento social. Com o cancelamento de todos os eventos presenciais, a dúvida sobre o que fazer a partir daquele momento tomou conta dos envolvidos.

A resposta foi dada de maneira rápida e eficaz pelas servidoras Ana Paula Roncisvalle e Márcia Yamaguti, profissionais de relações públicas por formação e convicção. Os principais desafios eram inovar em um cenário totalmente desconhecido, sem abrir mão da humanização, e aproximar os colaboradores, atualmente em teletrabalho. Mas, como alcançar esse feito, se o trabalho desenvolvido pela dupla tinha como pilar a presença do público?



[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

— *Precisávamos desenhar ações internas que aproximassem os funcionários, para que mesmo distantes tivessem o sentimento de estar perto virtualmente. Pensamos em propostas que o próprio colaborador poderia fazer sozinho, muitas vezes apenas com o celular na mão. Daí surgiram as ações das fotos, culinária, dicas para a quarentena e consciência ambiental. Tivemos que nos reinventar e buscar experiências como forma de amenizar os efeitos da pandemia* — explicou Márcia.

Para isso, a dupla usou instrumentos baseados no conceito Comunicação 4.0, criado pela relações públicas Adevani Rotter. O termo “*veio para conectar pessoas usando a tecnologia para trazer uma nova forma de se comunicar*”, conforme detalha Márcia.

— *As principais características da Comunicação 4.0 são a curadoria, a experiência humana e a mensuração dos resultados. E isso foi a essência do nosso trabalho. Criamos conteúdos interessantes que pudessem contribuir para o bem-estar geral dos colaboradores e, ao mesmo tempo, facilitar os relacionamentos e interações humanas a partir de uma comunicação colaborativa baseada na experiência de cada um* — ressaltou Márcia.

[AVANÇAR](#)

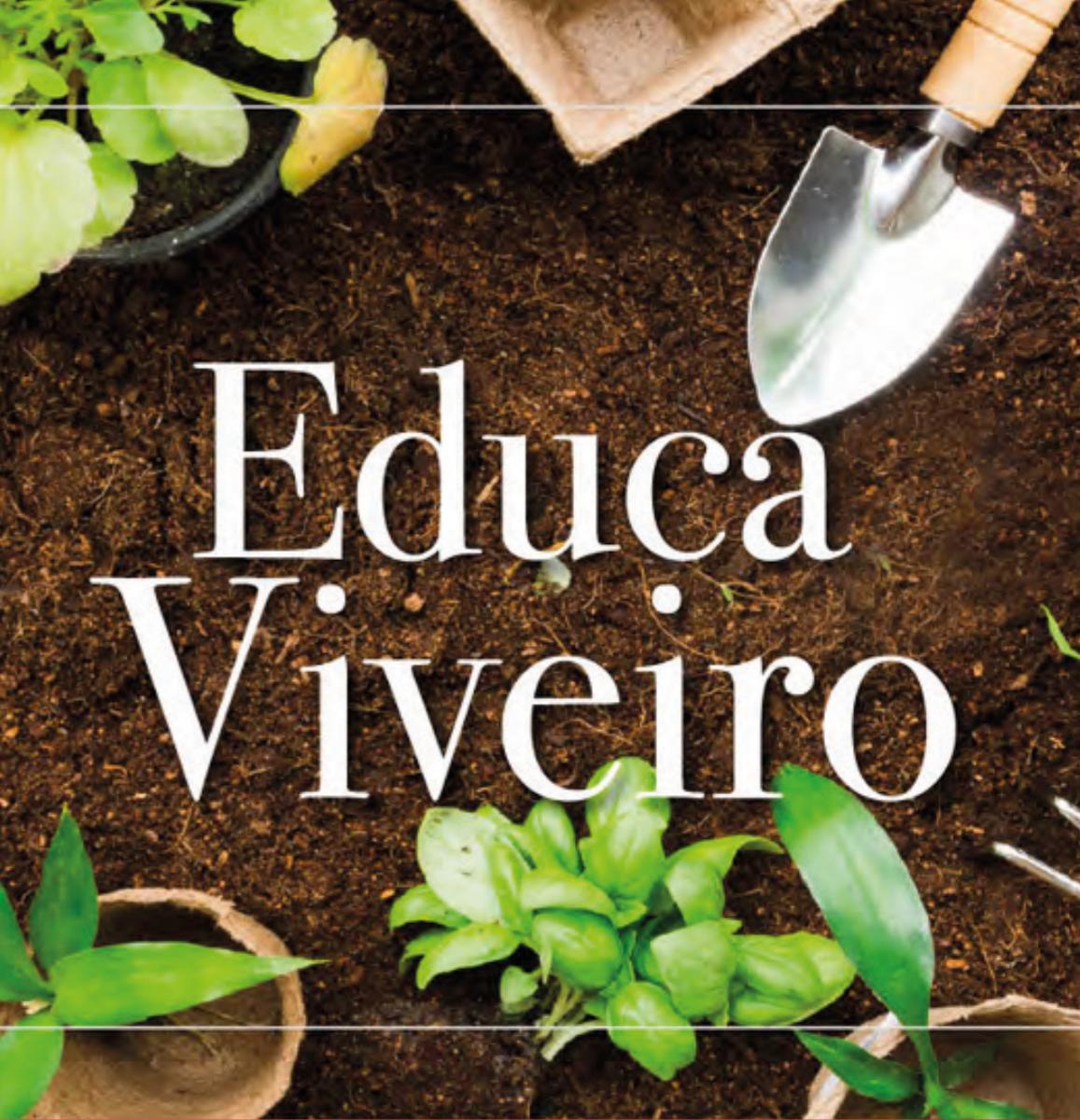
O primeiro passo para a reformulação das atividades foi tentar adequar o que estava planejado. Assim, em abril elas avaliaram quais eventos presenciais poderiam ser feitos de forma virtual e pensaram em novas estratégias de comunicação digital para o público interno. Feito isso, ainda em maio, as servidoras colocaram em prática os projetos idealizados.

— *Tenho me surpreendido porque, mesmo a distância, estamos conseguindo organizar nossos eventos de maneira satisfatória. Eu ousaria até dizer que estamos nos superando mesmo diante das dificuldades impostas pelo momento e operando em um ambiente totalmente novo em relação à rotina presencial* — disse Márcia.

Para as servidoras, as ações fortaleceram o sentimento de pertencimento à Casa por meio da humanização, que é ainda mais essencial em tempos de falta de convivência física. Márcia reitera ainda que o sucesso das iniciativas passou, impreterivelmente, pelo apoio das chefias:

— *Só conseguimos fazer isso porque nos deram liberdade, segurança para pensar, inovar e ousar. A dificuldade foi manter o nosso trabalho sem o contato físico e despertar o interesse do nosso público em tempos de tantos eventos digitais concorrentes. Para isso, tivemos que investir em mídias sociais, que se tornaram uma ferramenta imprescindível para divulgar os nossos eventos* — concluiu.

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)



Principais diferenças – Ana Paula explica que há algumas diferenças entre as ações presenciais e as remotas. No primeiro caso, é exigido um check list mais apurado, com mais demandas e maior interlocução entre os setores da Casa. Para que em ambas as modalidades os resultados desejados sejam alcançados, é preciso, inicialmente, definir os objetivos, formatos e público-alvo.

– A divulgação e as estratégias apropriadas para atingir o público em questão são premissas que estarão presentes em todos os eventos. Sensibilidade às demandas do grupo que se pretende alcançar também devem ser observadas. Horários e dias de maior atividade em determinados setores seguramente podem comprometer a adesão dos colaboradores, ainda que o tema seja de grande interesse – destacou Ana Paula.

VOLTAR | INÍCIO



DGER.COM

Ao olhar para trás, Ana avalia que a sensação é de alegria e gratidão diante dos resultados conquistados. De acordo com ela, “*no começo, pensamos que não teríamos desafios durante a pandemia e que nosso trabalho se tornaria dispensável*”.

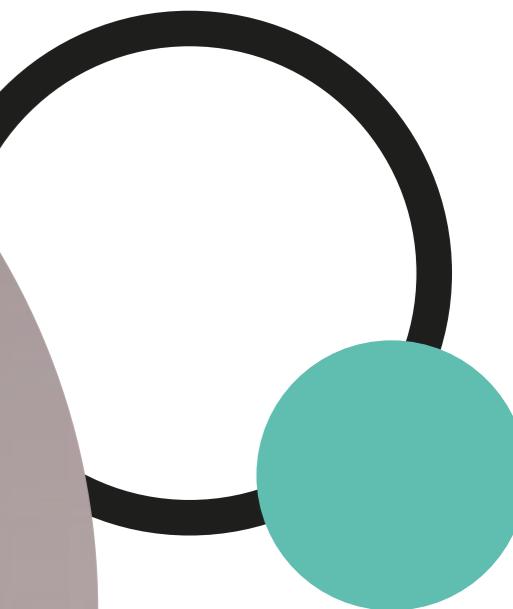
— *Construir ações virtuais que conseguissem envolver de forma agradável, instigante e divertida os colaboradores da Casa foi um processo que acabou fluindo de forma leve e muito gratificante. A medida que percebíamos que as iniciativas propostas estavam ganhando adesão, envolvimento e simpatia do público em geral, nos tornamos ainda mais criativos nas novas atividades sugeridas* — ressaltou Ana Paula.

Para o futuro, a expectativa é que a transformação digital seja um dos legados da pandemia. Ao longo desses meses, a equipe tem permanecido atenta à verificação das métricas da Intranet e aos efeitos transformadores das propostas colocadas em prática. Dessa forma, também poderá ser mais fácil realizar eventuais ajustes nas próximas ações.

AVANÇAR

Aproximação entre os colegas –
Kivia Gomes, da Secretaria de Relações Públicas, Publicidade e Marketing (SRPPM), participou de algumas ações e acredita que elas aproximaram os colegas: “*Apesar de o teletrabalho também ter suas vantagens, a socialização é muito importante e acho que ninguém esperava ficar tanto tempo longe do trabalho e dos colegas. As ações foram importantes para conhecermos um outro lado de todos. Foi bem interessante acompanhar os vídeos e matérias*”.

Questionada sobre sua atividade preferida, Kivia conta que uma das que mais gostou foi a do Dia das Crianças: “*Amei participar enviando minha foto! Primeiro porque foi uma delícia procurar imagens antigas, reviver momentos da minha infância com minha mãe [ela me ajudou a escolher] e depois porque me diverti vendo os ‘mini’ colegas do Senado. Achei a ideia genial*”.



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

A servidora Cibele Zawadzki, da Diretoria-Executiva de Contratações (Direcon), tem opinião semelhante: “*Eu acho essas iniciativas fantásticas. É um conforto ver todos os colegas, saber que estão bem e protegidos. Participei do Minha Receita Gourmet, com três receitas, e foi ótimo. Meu marido me ajudou a gravar. O bom é que envolve toda a família*”.

Comunicação interna em tempos de pandemia – Líderes da equipe, Juliana Borges e Daniel Pinto, chefe e subchefe de gabinete da DGer, respectivamente, destacam que a sensação é de dever cumprido.

— *A adaptação da área de eventos da DGer era a que mais nos preocupava. A mudança de cultura teve que ser instantânea. As ações foram um sucesso por causa da atuação da Ana Paula e da Márcia, que se dedicaram incansavelmente a fazer uma ação boca a boca com os funcionários. Ligariam, mandar mensagem, explicar a importância de participar. Elas se adaptaram aos tempos digitais muito rapidamente, trouxeram ideias inovadoras e executaram o trabalho de maneira irretocável — explicou Juliana.*

Em setembro, Juliana e Daniel representaram o Senado no 1º Encontro dos Quadros de Comunicação Social dos Parlamentos de Língua Portuguesa e falaram sobre a temática “Comunicação interna em tempos de pandemia: como ações de humanização movimentaram as relações entre os colaboradores do Senado Federal”.

— *Foi muito bom levar o trabalho do Senado para outros parlamentos do mundo e também poder aprender com eles. Essa troca num momento tão delicado, que o mundo inteiro está passando, é fundamental para sentirmos que todos temos as mesmas dificuldades e podemos compartilhar soluções — afirmou Juliana.*



Na ocasião, Juliana e Daniel ressaltaram a preocupação da DGer com a saúde emocional dos funcionários. Por isso, segundo Juliana, a equipe pensou em ações que pudessem aproximar as pessoas em um momento em que todos estavam em casa.

— *Falamos do Minha Receita Gourmet na Quarentena, do Foque em Casa, do Dger Compartilha e do Educa Viveiro. Mostramos alguns vídeos que foram compartilhados e os expressivos resultados alcançados — salientou.*



Integração com criatividade

De agosto para cá, as atividades seguiram a todo vapor. Teve o Senado em verso e prosa, no qual colaboradores foram incentivados a enviar vídeos com trechos literários, tanto de autoria própria quanto de suas obras favoritas. O resultado foi divulgado na Intranet: "Recebemos várias contribuições preciosas, com a leitura de poemas de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e outros de autoria própria", disse Ana Paula.

Em outubro, também foram realizadas atividades virtuais por conta da passagem do Dia das Crianças, celebrado no dia 12, e do Dia do Servidor, no último dia 28. Uma delas foi a distribuição de material educativo infantil para os colaboradores terceirizados. E além daquela exposição virtual de fotos de colaboradores quando crianças, foi realizada a atividade "Pintei o 7 na Quarentena", que recebeu desenhos dos filhos dos participantes.

Ainda como parte da programação do Mês do Servidor, o Senado, a Câmara dos Deputados e o Tribunal de Contas da União realizaram duas palestras virtuais, nos dias 22 e 29 de outubro. Os convidados foram, respectivamente, o rabino Nilton Bonder e a atriz Denise Fraga.

O tema da apresentação de Bonder foi "A arte de manutenção da carroça: sistema e risco". No encontro, ele enalteceu o trabalho dos servidores públicos: "É um lugar difícil de estar. Quando as coisas são bem feitas tem-se o vento a favor, mas quando elas vão mal, é ótimo ter alguém a quem culpar, a quem responsabilizar. Vocês realizam uma gestão fundamental para a vida de todos nós, pois lidam diariamente, a nível nacional, com os riscos da lama, dos buracos que vamos encontrando pelo caminho, dos reveses e da escassez".

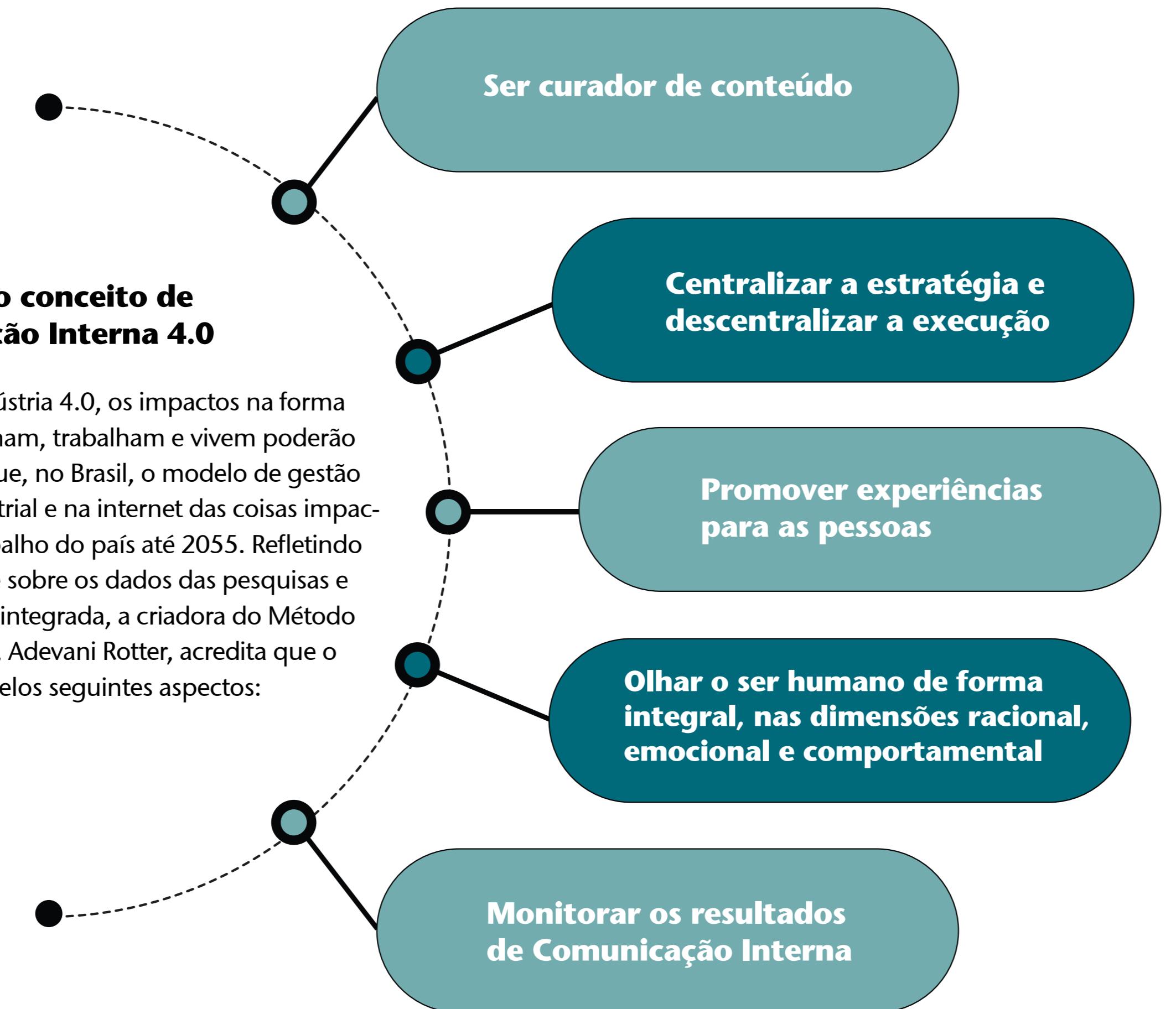
Já a de Denise tratou das "Conexões humanas em tempos digitais". A apresentação abordou a urgência da presença plena e da convivência, do exercício da escuta e empatia, do movimento em direção ao outro: "A gente é 'duro' porque tem medo de ser abusado se for gentil. E, nessa, perdemos tanto. Vivemos de um jeito tão pior, com medo de o outro abusar da nossa gentileza, com medo de dar a mão e ele tomar o braço. Nessa de não conseguir falar 'fiz isso e não vou fazer aquilo', a gente não dá nem a mão. Vivemos a síndrome do melhor não".

DGER.COM



Entenda o conceito de Comunicação Interna 4.0

Com o surgimento da Indústria 4.0, os impactos na forma como as pessoas se relacionam, trabalham e vivem poderão ser drásticos. A previsão é que, no Brasil, o modelo de gestão baseado na automação industrial e na internet das coisas impactará metade da força de trabalho do país até 2055. Refletindo sobre essa transformação e sobre os dados das pesquisas e projetos realizados na ação integrada, a criadora do Método Comunicação Interna 4.0, Adevani Rotter, acredita que o termo é pautado pelos seguintes aspectos:



[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

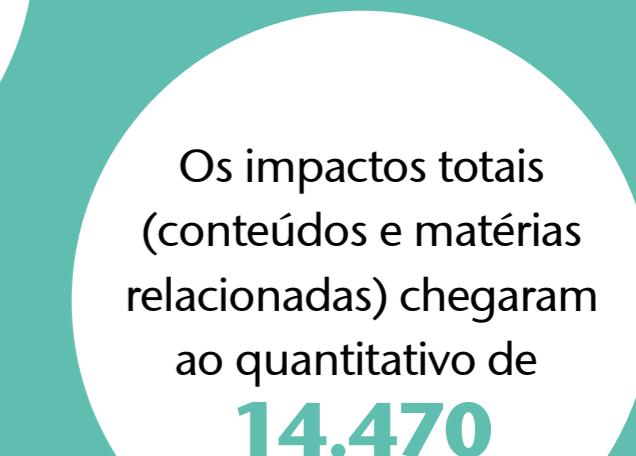


Em artigo publicado no portal GRIHub, Adevani afirmou que o “*mundo mudou e apenas repassar o que vem da diretoria já não resolve mais. É preciso envolver as pessoas nas conversas. Antes de multiplicar a informação entre os colaboradores, nosso foco precisa estar em qualificá-la, em ter uma história bem contada, que faça sentido para eles. E isso implica, muitas vezes, responder às questões mais originais do ser humano: quem sou, para onde vou e como vou*”.

[AVANÇAR](#)



**Resultados apurados
até 16 de outubro, considerando
todas as ações (Foque em Casa,
Dger Compartilha, Receita Gourmet
e Educa Viveiro)**



VOLTAR

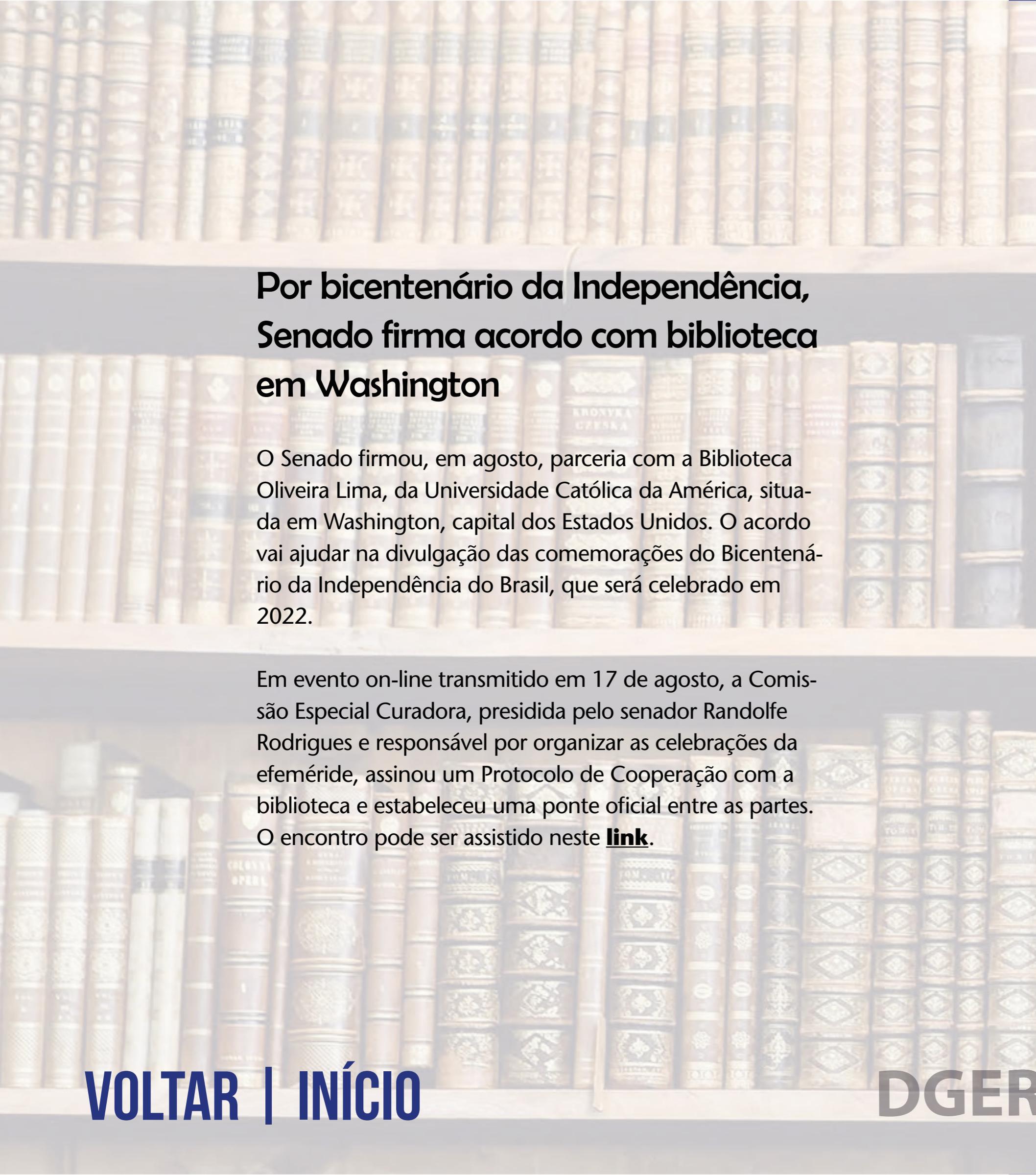
DGER.COM

INÍCIO

CULTURA E HISTÓRIA

INÍCIO

AVANÇAR



Por bicentenário da Independência, Senado firma acordo com biblioteca em Washington

O Senado firmou, em agosto, parceria com a Biblioteca Oliveira Lima, da Universidade Católica da América, situada em Washington, capital dos Estados Unidos. O acordo vai ajudar na divulgação das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, que será celebrado em 2022.

Em evento on-line transmitido em 17 de agosto, a Comissão Especial Curadora, presidida pelo senador Randolfe Rodrigues e responsável por organizar as celebrações da efeméride, assinou um Protocolo de Cooperação com a biblioteca e estabeleceu uma ponte oficial entre as partes. O encontro pode ser assistido neste [link](#).

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)



DGER.COM

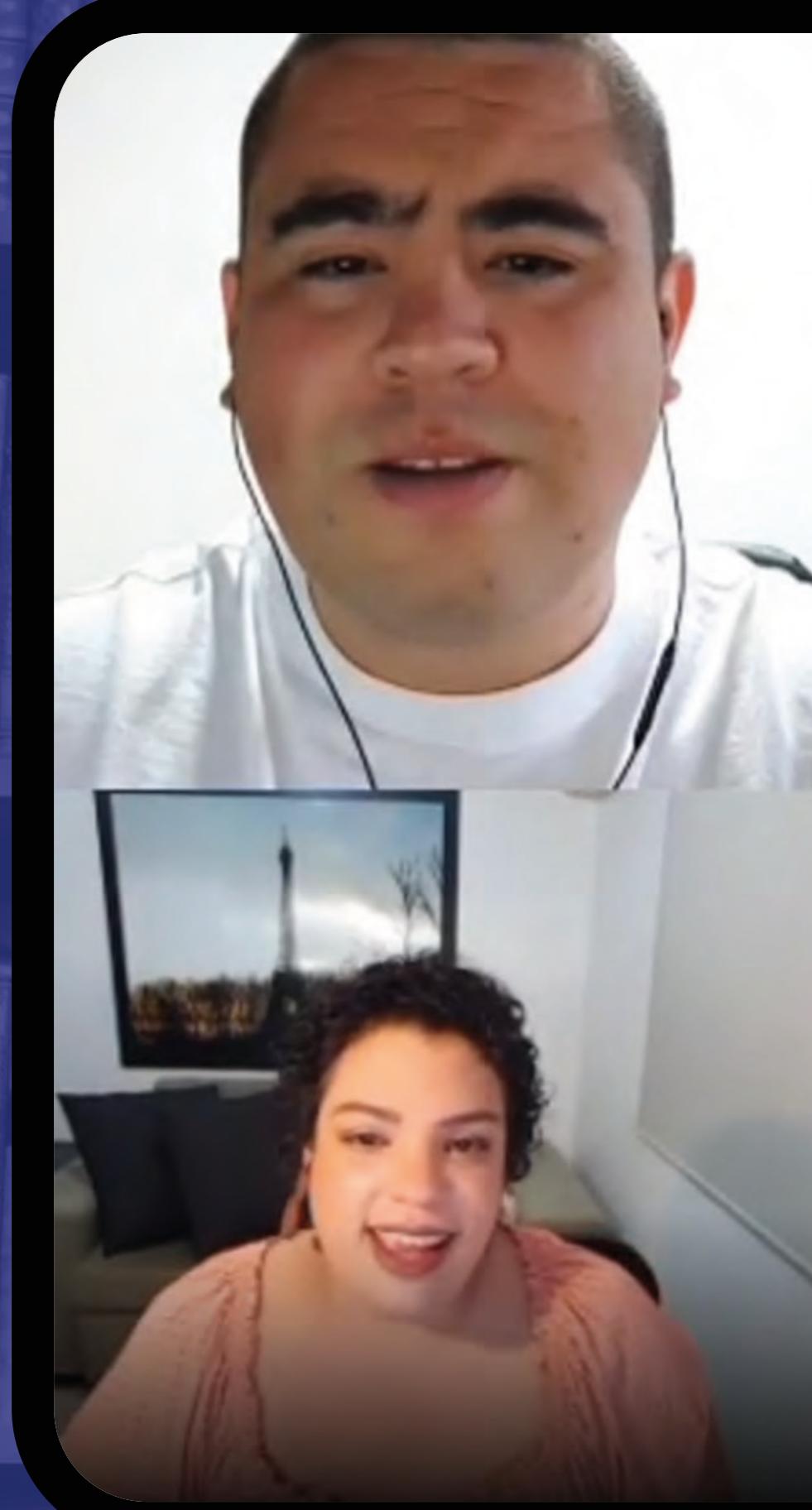
AVANÇAR



Ilana reforçou o ganho acadêmico que a parceria pode trazer para o Senado e projetou usar a Casa como meio condutor desses arquivos históricos para estudantes de todo o país. Na visão da diretora-geral, os documentos também ajudarão a jogar luz sobre a participação de minorias e mulheres no processo de tomada de decisões que levou aos eventos de 1822

— *Nos comprometemos a ser intermediários para toda a população brasileira. Talvez possamos levar esses panfletos e fac-símiles às escolas e universidades. São as crianças e adolescentes que precisam saber a história do nosso país, que vozes solitárias não chegam a lugar algum e que as vozes da independência eram ouvidas de todos os lugares* — disse.

Heloísa Sterling destacou que o Brasil passará a ter acesso a documentos históricos inestimáveis, como os chamados panfletos da Independência, que registraram a opinião de homens e mulheres anônimos sobre a emancipação do país há quase dois séculos. São fundamentais, afirmou, porque permitem ouvir a voz de brasileiros desconhecidos e que lutaram pela liberdade no país.



Organização de acervo pessoal é tema de live do Parlabilio

Por falar em acervo, os encontros virtuais produzidos pelas bibliotecas do Senado e da Câmara dos Deputados seguem a todo vapor. Em agosto, os bibliotecários Clarissa Ribeiro, do Senado, e Ernani Rufino, da Câmara, se reuniram para mais uma live do Parlabilio. Na ocasião, os profissionais trouxeram dicas de como organizar uma biblioteca pessoal, como manter a higienização e quais aplicativos podem auxiliar na tarefa de manter o acervo particular em ordem. O vídeo está disponível no **IGTV** do perfil @biblioteca.camara no Instagram.

Há várias formas de organizar uma biblioteca pessoal, e cada uma delas varia conforme a necessidade do usuário, explicou Clarissa. O primeiro passo da organização, disse, é fazer uma triagem dos livros e separar os que serão doados dos que farão parte do acervo. Após essa etapa, disse, o usuário terá uma noção da quantidade de livros que haverá. Conforme o número, poderá definir que tipo de classificação será mais conveniente.

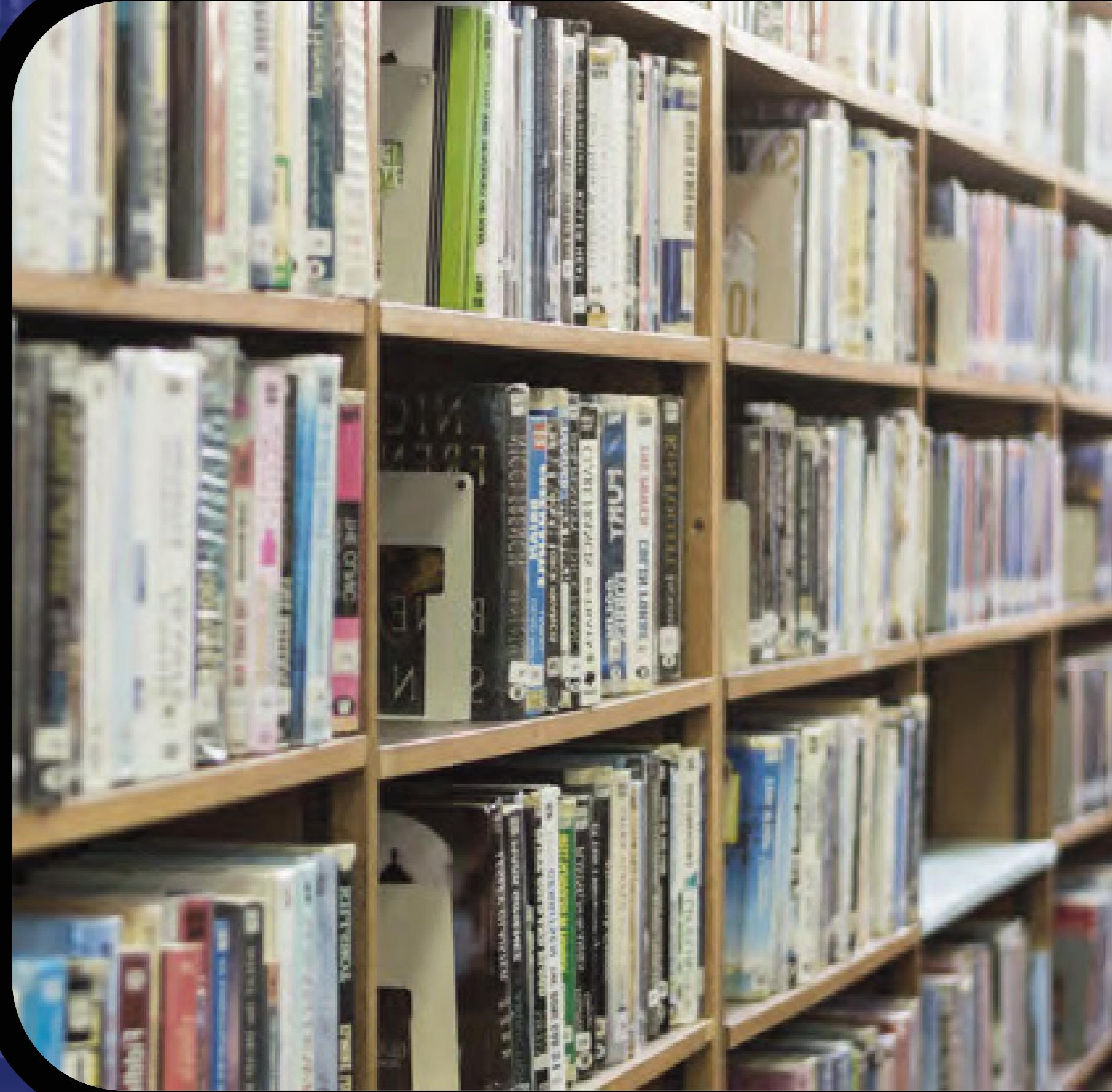
— *Nossa intenção aqui foi levar dicas de qualidade para as pessoas e aproveitar esse momento de isolamento social para organizar a casa, os objetos, a vida. E nada mais justo do que organizar os livros também. Botar tudo em dia, cuidar dos livros e ter um acesso mais fácil* — afirmou.

Ernani Rufino, que conduziu o encontro, trouxe as principais dúvidas dos participantes e reforçou a importância de se manter a organização dos livros em casa. Para ele, participar da live foi uma experiência “ímpar”: “*E, logo na estreia, uma super responsabilidade na transmissão ao vivo pelo Instagram das duas bibliotecas. Gostei muito, apesar do nervosismo. Tivemos muitos feedbacks positivos, portanto julgo que foi um sucesso*”.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



Conteúdo agradou – De acordo com Clarissa, a live teve uma interação ativa dos participantes, com recorde de visualizações simultâneas quando comparado às edições anteriores da Parlabiblio: “*O retorno foi tão positivo que recebemos diversas solicitações para realizarmos a parte II, pois o tempo foi curto para tantas dicas*”.

Uma das espectadoras foi a servidora da Câmara dos Deputados Laila Monaiar. Ela elogiou a escolha do tema e o estímulo à leitura de modo diferente, interessante e descontraído.

— *Gostei muito da live. No início da pandemia, eu dediquei um tempo para organizar a minha biblioteca. O trabalho remoto demandou mais o uso dela. Eu gostei das dicas para categorização e a ordenação. Além de orientar, foi um estímulo para cuidar da minha biblioteca. Eu tenho cerca de mil livros* — disse.

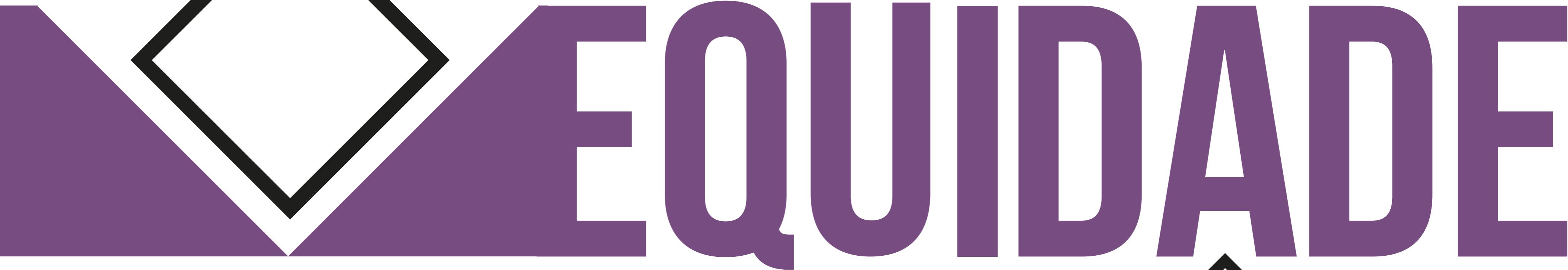
Osmar Arouck, da Biblioteca do Senado, ressalta que já foram realizados três encontros do projeto e que a participação dos internautas durante as transmissões ao vivo tem sido expressiva: “*O alcance da atividade pode ser mensurado pelo número de acessos, no momento da realização da live e pelo acumulado. As três transmissões juntas somam mais de 1,2 mil visualizações*”.

O bibliotecário chama ainda atenção para outro dado relevante: desde o início do isolamento social, houve um crescimento de 97% na média mensal de acessos da Biblioteca Digital do Senado (BDSF).

VOLTAR

DGER.COM

INÍCIO



EQUIDADE

INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Racismo estrutural:

como ele acontece,
como pode ser
combatido e quais as
implicações legais



[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

**“Com esse
cabelo liso,
quer ser
chamada de
negra?”**

**“Isso é
coisa de
preto”**

**“CAFÉ COM
LEITE”**

São algumas das expressões que quase todo mundo já escutou por aí e evidenciam o racismo estrutural presente em nossa sociedade. Uma conduta que pode causar danos irreversíveis para quem sofre. A saída pode estar no diálogo, na conscientização e no fortalecimento da autoestima de pessoas negras em relação à cor da pele.

DGER.COM

AVANÇAR

— *Sempre escutava “você não é negra, é morena”. Por isso, o processo de me reconhecer como mulher negra foi muito desafiador. Eu ficava sem saber onde me encaixava e isso mexia muito com a minha cabeça. Nunca soube ao certo o que eu era* — o desabafo é da servidora Luciana Carvalho, da Secretaria de Polícia Legislativa do Senado.

A falta de reconhecimento e de identidade racial sofrida por Luciana não é um caso isolado. Pelo contrário, acontece com frequência e está associada a um tema cada vez mais debatido: o colorismo. O conceito é utilizado para chamar a atenção para os diferentes níveis de preconceito e marginalização sofridos, dependendo do nível de pigmentação da pele.

Vale destacar que isso inclui não só tonalidade, mas também características como largura do nariz, grossura dos lábios e textura dos cabelos.



Em linhas gerais, o colorismo ocorre quando há diferença de tratamento dado a negros conforme o grau de proximidade a traços associados à ascendência africana.

Para as vítimas, os impactos são intensos e dificultam o processo de autoconhecimento, como assegura Luciana, que passou boa parte da vida sem saber exatamente como se definir: “*Um dia, em casa, me olhando no espelho com muita atenção, já na fase adulta, me reconheci como mulher negra e passei a me posicionar como tal a partir dali*”.

Na opinião da servidora, essa estrutura racista pode distanciar e classificar integrantes da comunidade afrodescendente: “*Uma pessoa negra com a pigmentação de pele mais clara pode ser mais privilegiada e aceita que uma de pele mais escura. Cria-se uma falsa impressão de que a pessoa não é negra e está mais próxima da etnia branca*”.

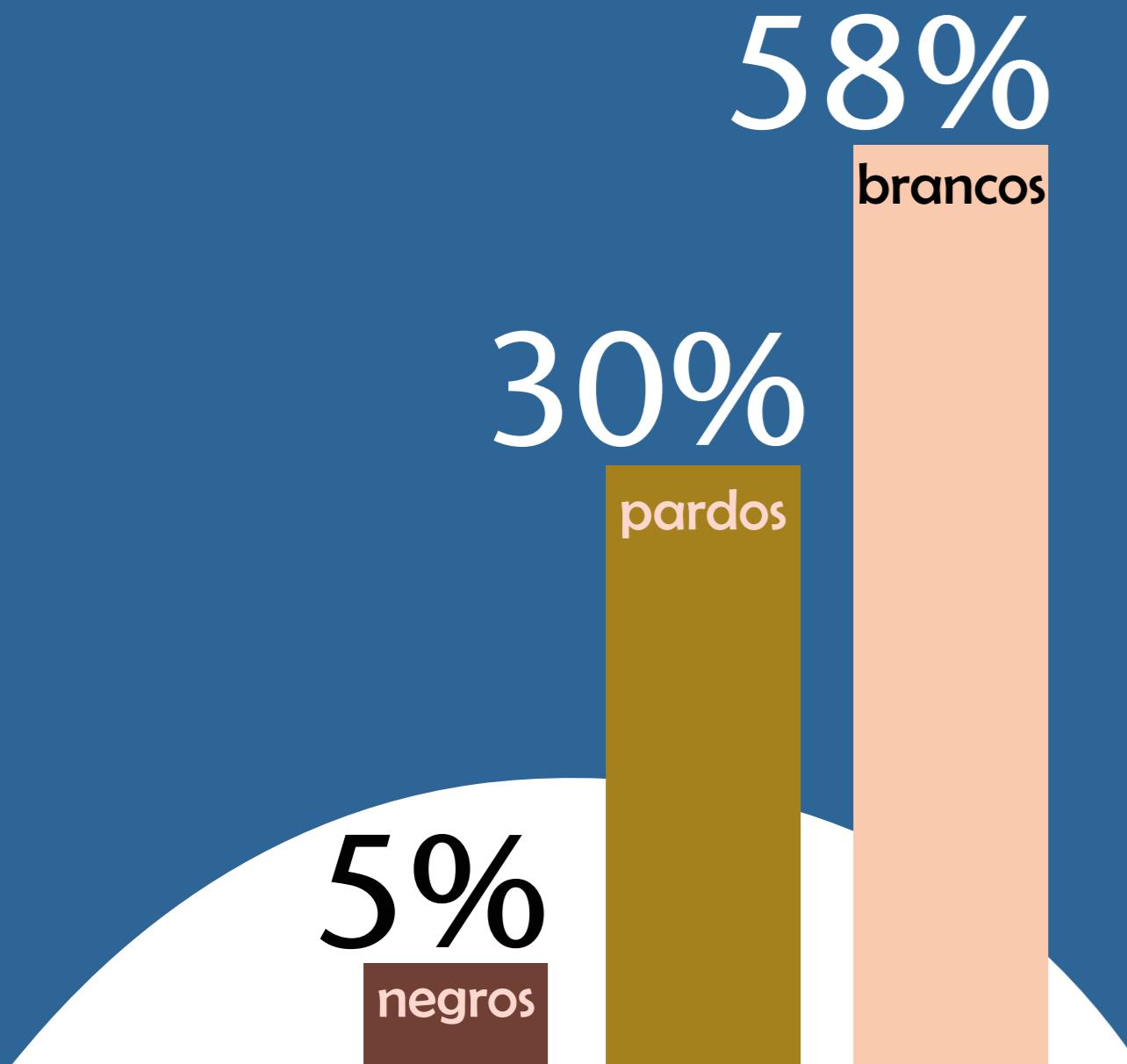
Falta representatividade

O servidor Max Oliveira, lotado no gabinete da Liderança do PT no Senado, afirma que gostaria de conviver com mais colegas de trabalho negros, como ele, e de ver mais pessoas pretas em posição de poder. Engajado nas pautas identitárias, ele foi convidado no último mês para integrar um Grupo de Trabalho sobre Raça na Casa e ajudar a levar a discussão para diferentes setores.

— *Sou filho de mãe negra que, diante de todos os incentivos dela, remei de canoa para frequentar a escola. Cada remada era para perseguir um sonho de aprender e influenciar outros garotos a terem coragem e estudar também. Minha mãe é inspiração da minha vida, uma professora negra que desde os 15 anos ajudou a alfabetizar milhares de pessoas na nossa região* — relata Max, oriundo do município de Acará (PA), localizada a 66 quilômetros da capital, Belém.

Segundo Max, sua mãe já falava em empoderamento muito antes de a expressão se tornar uma "palavra da moda". Era uma catedrática, como ele mesmo define, e pedia que ele e os irmãos buscassem conhecimento para se libertar de estigmas sociais. Para o colaborador, foi essa mentalidade que permitiu a membros de sua família se tornarem engenheiros agrônomos, contadores, professores de línguas e até bioquímicos que atuam no exterior.

Realidade no Senado



Atualmente, 30% dos servidores da Casa se autodeclaram pardos e 5%, negros. Já o quantitativo de brancos chega a 58%. Com o intuito de transformar a cultura organizacional e garantir a igualdade de oportunidades para todos, o Senado possui o “Programa Pró-equidade de Gênero e Raça”, e o Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça.

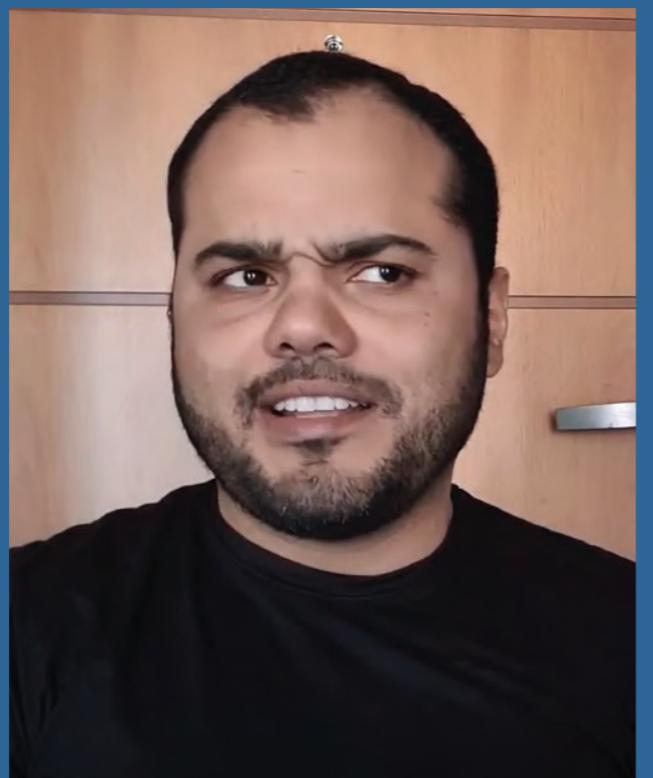
Como parte das ações de combate à discriminação racial, foi lançado, em julho, a campanha "Racismo em Pauta", uma iniciativa do Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça e da Secretaria de Comunicação Social (SECOM).

O objetivo é combater o racismo estrutural, promovendo debates, manifestações e campanhas institucionais contra práticas racistas que foram naturalizadas pela sociedade brasileira. A iniciativa segue até 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.



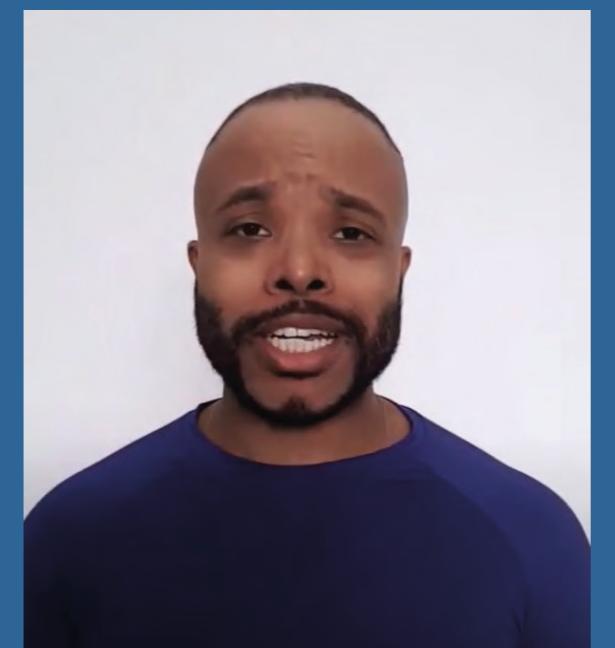
Uma das ações da campanha foi o vídeo com a participação de colaboradores negros da Casa lendo o texto “Coisas que ouço”, de autoria do servidor Laudeir Borges.

Segundo o servidor, o material foi produzido em 2017, quando participava de um coletivo que escrevia e editava cartões-postais de poesia.



— *Uma das edições que produzimos abordou questões de direitos humanos. Escrevi o poema como uma colagem de frases racistas que venho escutando desde criança — sim, a maior parte delas foi dirigida a mim. Achei legal quando me pediram autorização para usá-lo na campanha antirracista — sinal, para mim, de que o texto é provocativo* — disse Laudeir.

O material está disponível na página do [Youtube](#) da TV Senado.





Arte desenvolvida por Freepick

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

Racismo em pauta estimula debate dentro e fora da Casa

Você conhece a origem da celebração do Dia das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas? Já ouviu falar da Frente Negra Brasileira, que existiu na década de 1930? Pois essas e outras informações, assim como histórias pessoais de superação, têm sido contadas em veículos internos e externos do Senado por meio do projeto “Racismo em Pauta”.

À guisa de lembrar o 30 de setembro, em que se comemora, extraoficialmente, o Dia das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, o Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça, junto com a Secretaria de Comunicação (Secom), deram corpo e alma ao assunto.



[AVANÇAR](#)

A servidora Cynthia Byar Beckman, que trabalha no Instituto Legislativo Brasileiro (ILB), segue o Candomblé há 15 anos, e contou do sentimento de pertencer a uma religião historicamente perseguida no país. Aqui, um alento: Cynthia avalia que já foi pior:

— Ainda há muita discriminação, desconhecimento e até agressão às religiões de matriz africana, mas acredito que estamos caminhando para mais liberdade. O Candomblé prega, acima de tudo a liberdade, o amor à natureza e o respeito à opinião do próximo — disse.

O Brasil é oficialmente um país laico e, por esse motivo, a manifestação de crenças de qualquer espécie é um direito de todos, lembra Cynthia. Só que, durante muito tempo, ela própria escondeu sua fé por medo da discriminação. A política de equidade e raça do Senado, lançada há pouco mais de um ano, ajudou-a a perder o medo de se expor.



Foto: Arquivo pessoal

— Eu fico muito feliz com essa homenagem do Senado, mas quem agradece é a natureza, por permitir que a nossa fé seja respeitada. O que queremos hoje é, acima de tudo, mais respeito ao direito de expressarmos nossa liberdade religiosa. A nossa reivindicação é pelo direito de ter um dia para celebrarmos nossa crença. Todas as outras religiões possuem uma data no calendário oficial, por que as de raízes africanas não possuem? —, questiona.



Projeto de lei – Em breve, Cynthia e outros adeptos de religiões de matrizes africanas poderão comemorar sua fé em data oficial. O Projeto de Lei da Câmara 69/2018 que institui o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé foi apresentado pelo deputado Vicentinho (PT-SP). Depois de aprovado na Câmara e em comissões do Senado, aguarda votação em plenário.

VOLTAR | **INÍCIO**

DGER.COM

AVANÇAR

E a Frente Negra Brasileira?

Que a história do Brasil é marcada pela influência das culturas religiosas africanas, muita gente sabe. Mas a maioria das pessoas nem imagina que na década de 1930 o Brasil teve um movimento social organizado de luta contra a discriminação racial. Em setembro, o projeto Racismo em Pauta recuperou esse assunto.

A matéria contou sobre a origem da Frente Negra Brasileira (FNB), lançada em São Paulo, em 1931, para combater de forma organizada o racismo, brigar pela igualdade de direitos e por maior participação dos negros na sociedade.

VOLTAR | **INÍCIO**

Foto: Divulgação Google - Luiza Mahin

Reportou, ainda, o crescimento da Frente, até sua dissolução, em 1937, quando o então presidente Getúlio Vargas extinguiu essa e todas as outras organizações políticas.

Além de atividades de caráter político, a FNB desenvolvia eventos culturais e educacionais aos associados, incluindo cursos de alfabetização, oficinas de costura e festivais de música. Até hoje é considerada por historiadores e intelectuais como a primeira organização negra do país, precursora dos movimentos atípicos que até hoje lutam contra o racismo.

Entre os adeptos da FNB estava Abdias Nascimento, conforme resgatou a matéria. Abdias, um dos maiores expoentes da cultura negra e dos direitos humanos no Brasil, foi senador entre 1997 e 1999, assumindo a vaga após a morte de Darcy Ribeiro.

[Para saber mais sobre essa história, assista aqui ao vídeo](#)

AVANÇAR



Caminhadas compartilhadas

O projeto Racismo em Pauta também aproxima colegas ao publicar textos com depoimentos que falam de superação.

Em outubro, a jornalista Lisandra Melo Barbiero, chefe de gabinete do senador Fabiano Contarato (Rede-ES), partilhou sua trajetória, que, segundo ela, foi beneficiada pela adoção, ao nascer, por uma família branca de classe média de Castelo (ES): “*Tive acesso a bons livros, à cultura, a espaços que me permitiram alcançar determinados êxitos na vida*”.



Lisandra é defensora das políticas de cotas, e considera "perverso" o discurso de meritocracia, que não leva em conta as diferenças de oportunidades de acesso à educação, moradia e as condições sociais de qualidade.

— *Quando a gente fala em meritocracia, a gente acredita que a pessoa é capaz de conquistar apenas com as suas capacidades, sem levar em conta a sociedade onde a pessoa está inserida e as oportunidades que ela teve. É um idealismo muito perverso. E é importante a gente refletir sobre a origem das coisas, para a gente não se deixar levar por esse imaginário* — afirma.

O Fator Educação - Outra colega que dividiu suas experiências foi a jornalista Ester Monteiro da Silva,

atualmente coordenadora do Senado Verifica: Fato ou Fake?,

projeto da Secretaria de Comunicação Social (Secom) em parceria com a Ouvidoria do Senado. Nascida em uma família humilde e de grande diversidade racial, Ester diz que se apoiou no exemplo de parentes como o avô, professor, e o tio-avô, pastor metodista, para enfrentar as barreiras à ascensão social.

— Essa é uma realidade muito comum às famílias negras. Anos mais tarde, eu acabei pensando nisso, porque minha realidade não foi muito diferente da dos meus antepassados.

VOLTAR | INÍCIO



Ester acredita que a igualdade de oportunidades na educação é o melhor caminho para que aumente a diversidade em cargos de chefia e profissões que exigem nível superior:

“A mudança passa pela conscientização das pessoas em relação a seu papel, mesmo não sendo da raça negra, de como contribuir para mudar isso”.

AVANÇAR

VOLTAR | INÍCIO

Racismo estrutural - Já Letícia Alcântara, que também é negra e jornalista, contou ao Racismo em pauta, em setembro, como foi superar adversidades. Hoje, ela coordena a área de comunicação do senador Romário (Pode-RJ).

Natural de Itaparica (BA) e formada em Brasília, Letícia atribui seu êxito profissional ao incentivo dos pais, que não puderam fazer faculdade, mas sempre deram prioridade à formação dos filhos: “*Eu e minha irmã mais velha fomos as primeiras pessoas da família a cursar nível superior. Meus pais tinham como foco que a gente tinha que estudar*”.



O racismo estrutural continua, em sua visão, a ser uma barreira difícil de superar. Políticas como cotas e conscientização pela educação, para ela, são fundamentais para enfrentar essa situação.

— *Quando eu estava na faculdade ainda, ouvi de uma colega de campus: "Eu sei que vocês são bem mais qualificadas do que eu, mas sei também que vocês vão ter muito mais dificuldade de conseguir emprego do que eu, porque são negras". E aquilo foi um choque para mim* — conclui Letícia.



DGER.COM

AVANÇAR

O Racismo e a Constituinte

A bancada anti-racista, com o apoio de movimentos sociais, conseguiu aprovar na

Constituição de 1988 a proposta que tornou a prática do racismo crime sujeito a pena de prisão, inafiançável e imprescritível. Consultor legislativo do

Senado, Arlindo Fernandes acompanhou de perto essa fase da história nacional.

— No período preliminar à elaboração da Constituição ocorreram audiências públicas nas comissões responsáveis por produzir as normas sobre cada tema. A Subcomissão dos Direitos e Garantias Individuais ouviu, entre outros, Hélio Santos, do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, que defendeu, para combater o racismo, os caminhos de ordem coercitiva, de ordem promocional e didático-pedagógica. Na ordem coercitiva, impunha-se criminalizar o racismo — explicou o consultor.

De acordo com ele, a medida entrou na Constituição como resultado da aprovação de uma emenda proposta pelo então deputado Carlos Alberto de Oliveira Caó (PDT/RJ) pela qual o inciso XLII do art. 5º, que trata dos direitos e garantias individuais, diz que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”.

— A norma foi regulamentada pela Lei nº 7.716, de 1989, a Lei Caó. Talvez o maior avanço institucional da luta contra o racismo no Brasil, após a abolição — resumiu.

Pouco tempo depois, em 1990, o Congresso aprovou a [lei 8.801/90](#) que explicita os crimes praticados pelos meios de comunicação ou por publicação de qualquer natureza e as penas aplicáveis aos atos discriminatórios ou de preconceito de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional.

Para atualizar a Lei Caó e a legislação posterior, em 1997 o então deputado Paulo Paim propôs - e o Congresso aprovou - a [Lei 9.459/97](#). E, há uma década, foi aprovado o Estatuto da Igualdade Racial ([Lei 12.288/2010](#)), de autoria do senador Paulo Paim (PT-RS).



Qual a diferença entre injúria racial e racismo?

Legislação pode mudar

Injúria racial: consiste em ofender a honra de alguém se referindo a elementos de raça, cor, etnia, religião ou origem, com pena de um a três anos e multa.

Racismo: atinge um grupo de indivíduos, discriminando a integralidade de uma raça. Além disso, é inafiançável e imprescritível.



Se o projeto de lei [PL 4.373/2020](#), que altera o Código Penal ([Decreto-Lei 2.848, de 1940](#)) e a Lei de Crimes Raciais ([Lei 7.716, de 1989](#)), de autoria do senador Paulo Paim, for aprovado, a injúria racial pode passar a ser tipificada como crime de racismo.

Na justificativa, o parlamentar afirma que o racismo praticado mediante injúria pode ser desclassificado e beneficiado com fiança, prescrição e até mesmo a suspensão condicional da pena. Com a proposta, a pena passaria a ser imprescritível e inafiançável.

Colaboradores com origem indígena falam sobre preconceito e igualdade de oportunidades

Na passagem do Dia Internacional dos Povos Indígenas, em 9 de agosto, colaboradores do Senado com ascendência de nossos povos nativos compartilharam suas percepções a respeito de temáticas ligadas aos aspectos sociais, aos preconceitos e à importância da integração.



O servidor José Ronald Pinto, lotado no Bloco da Liderança da Minoria no Congresso Nacional, é um deles. Criado pela mãe, uma índia da nação kaingang, que ocupa uma faixa territorial do norte do Rio Grande do Sul até São Paulo, ele lamenta conhecer poucos colegas indígenas e lembra que, em empregos anteriores, já ganhou apelidos pejorativos por conta de sua aparência física.

— O preconceito cultural diz que o indígena não gosta de trabalhar etc. Mas independentemente da origem do ser humano, as pessoas têm suas individualidades e características. Quando os outros não veem a cultura da ambição, do consumo no índio, acham que ele é preguiçoso — rebate.

Para Ronald, parte da luta social que precisa ser lembrada e reforçada em virtude do 9 de agosto envolve dar visibilidade à diversidade de povos indígenas. O colaborador enfatiza que "índio não é uma coisa só" e defende a proteção das culturas originais.

— Povos originários existem no mundo todo, e todos enfrentam a tentativa de uniformização do processo civilizatório. É um modelo comum à China, aos Estados Unidos, à Rússia e a vários outros países. Para nós, o grande valor cultural é nossa convivência e nossa crença — diz.



Legado - Marluci Ribeiro, do Serviço de Locução (Serloc), afirma ser cabocla. Sua família materna é de matriz indígena e seu pai é de Portugal. Ela relata que não costumava pensar muito sobre suas origens. No entanto, quando preencheu, no Senado, a autodeclaração de raça, ela se afirmou como descendente de índios pela primeira vez.

— *Tenho vontade de pesquisar mais sobre meu passado. A diversidade é rica e traz benefícios. Gostaria de ver mais pessoas identificadas como indígenas comigo. Vejo a questão da inserção nos espaços de poder ainda em evolução* — opina.

Nascida no Rio de Janeiro, criada em Brasília e moradora de São Luís (MA) na vida adulta, Marluci está no Senado há oito anos e comenta que nunca havia parado para pensar que poderia ser um modelo para crianças com ascendência similar. Bem-sucedida e representante de uma minoria, ela pensa em como seria seu legado.

— *O ouvinte em rádio não tem noção de como eu me pareço, mas é algo que pode ser alcançado por outros meios. Hoje eu trabalho num programa de poesia. Então, talvez no futuro, aposentada, eu possa desenvolver outra coisa voltada para a cultura indígena e haja espaço maior para que as pessoas enxerguem isso em mim.*

Realidade na Casa

- No Senado, há 36 colaboradores que se autodeclaram indígenas. De acordo com Maria Terezinha Nunes, gestora do Programa de Equidade de Gênero e Raça do Senado, garantir a visibilidade da causa faz emergir a diversidade. Para a servidora, essa “é a tônica da nossa sociedade, de que somos todos seres humanos, com suas peculiaridades e diferenças, mas iguais em direitos”.
- *As ações do Comitê primam pelo alcance a todo tipo de discriminação, assédio e outras vulnerabilidades, temos um pequeno contingente de pessoas que se autodeclaram indígenas. Apesar do pequeno contingente de pessoas, precisamos ter um cuidado imenso para que elas não sejam esquecidas ou se sintam excluídas.*

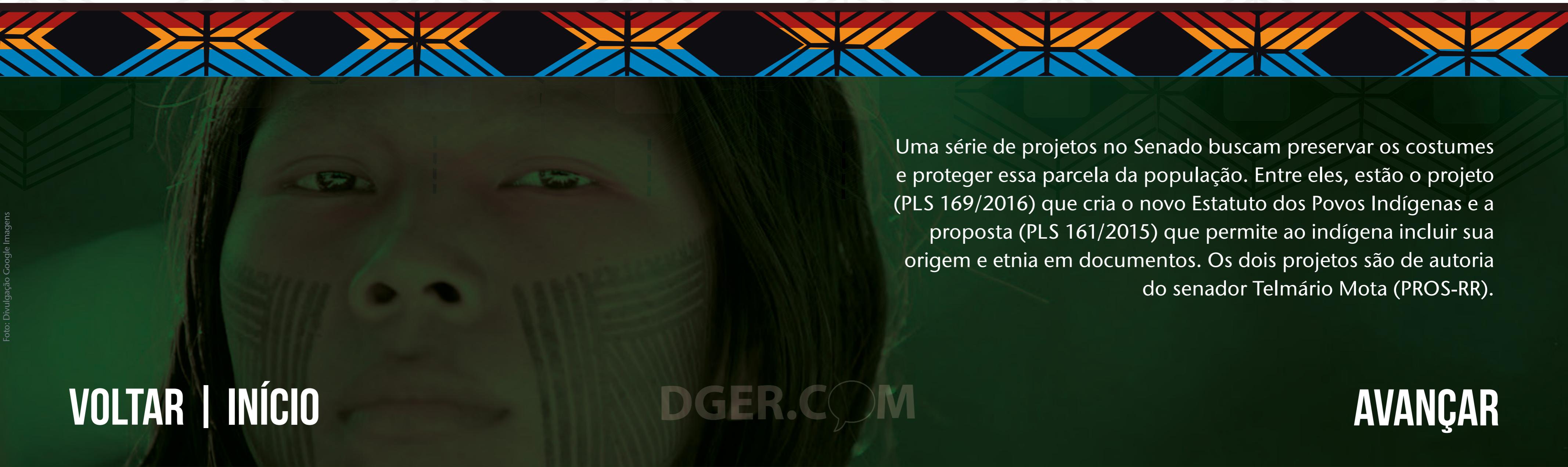
De acordo com Terezinha, no âmbito do Comitê, é preciso ter um olhar atento para as especificidades que cerceiam o acesso à igualdade de oportunidades às pessoas indígenas e criar políticas que incidam sobre essas desigualdades.

Segundo ela, a partir do Plano de Equidade de Gênero e Raça e a criação de um grupo de trabalho de afinidade de raça e etnia, que também conta com pessoas indígenas, foi criado um “espaço” de escuta e discussão conjunta de ações nesse campo: “*As iniciativas estão sendo pensadas em grupo e executadas pelo Comitê*”.



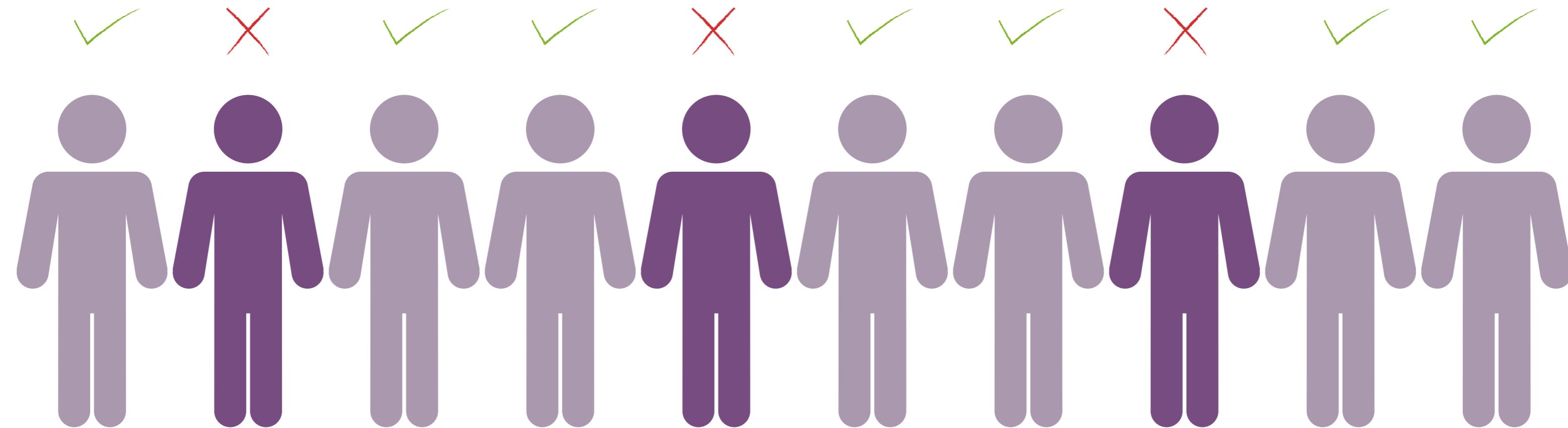
Censo mostra que Brasil abrigava, em 2010, cerca de 800 mil indígenas.

O último grande censo do IBGE sobre os povos originários brasileiros é de 2010. Naquele ano, constatou-se que o Brasil abriga 800 mil indígenas, representando aproximadamente 305 etnias diferentes, com cerca de 274 línguas faladas.



Uma série de projetos no Senado buscam preservar os costumes e proteger essa parcela da população. Entre eles, estão o projeto (PLS 169/2016) que cria o novo Estatuto dos Povos Indígenas e a proposta (PLS 161/2015) que permite ao indígena incluir sua origem e etnia em documentos. Os dois projetos são de autoria do senador Telmário Mota (PROS-RR).

Equidade de gênero no mercado de trabalho: conquistas são notórias, mas caminho ainda é longo



No Brasil, três em cada 10 pessoas admitem que se sentem desconfortáveis por serem chefiadas por uma mulher.

É o que mostrou o estudo "Atitudes Globais pela Igualdade de Gênero", publicado no ano passado pelo Instituto Ipsos, empresa de pesquisa e de inteligência. O dado evidencia a importância da luta por uma maior presença feminina em todos os postos de trabalho.

Elas ocupam 34% dos cargos de liderança sênior (diretoria executiva) nas empresas brasileiras, de acordo com a pesquisa do International Business Report da Grant Thornton, realizada no primeiro semestre deste ano com 4.812 empresas em 32 países. No Senado, entre os 670 gestores da instituição, 192 postos são ocupados por mulheres, o que representa 28,6% do total.



Para falar sobre a temática e sobre os desafios enfrentados pela mulher ao conquistar espaços de poder, a diretora-geral, Ilana Trombka, conversou, em 13 de agosto, com a coordenadora do Grupo de Crise de Combate à Covid-19 do Rio Grande do Sul (RS), Leany Lemos. No bate-papo, Ilana lembrou sua admiração pela colega e destacou a disposição que Leany, que é servidora licenciada do Senado, sempre demonstrou de ir atrás de seus sonhos.

— A gente não tem que desistir. A gente tem que planejar, tem que acreditar. Por incrível que pareça, o universo conspira a favor de quem quer mudar o mundo para melhor — disse Ilana, ao lembrar que ela e Leany trabalharam juntas no programa da Universidade de Columbia para formação de lideranças femininas.

Leany falou de suas expectativas com relação aos espaços ocupados pelas mulheres nos últimos anos. Ela defendeu a importância de se discutir equidade no ambiente corporativo e elogiou a iniciativa do Senado de promover esse tema na pauta administrativa. Para a coordenadora, desejar estar em posições de destaque exige coragem e vontade de fazer a diferença.

— Eu acho que nós precisamos nos fortalecer, nos empoderar, acreditar, desenvolver as habilidades que a gente tem e ir em frente. A coragem é uma das características que a gente tem que abraçar. Saber lidar com o medo, insegurança e superar a “síndrome do impostor”. Precisamos desenvolver os talentos para prosseguir no que acreditamos.



VOLTAR | INÍCIO



LIVE

AVANÇAR

O que pensam gestoras da Casa? – Ocupando a função de secretária-geral da Mesa adjunta há 10 meses, Sabrina Nascimento sabe bem o peso da responsabilidade que carrega, mas destaca que tem o privilégio de ter sido nomeada para um cargo de liderança em um órgão que possui “*gestores que estimulam a diversidade de gênero em cargos de chefia*”.

— *No começo, podemos nos sentir intimidadas, porque, muitas vezes, somos comparadas a homens e ao que eles fizeram em cargos semelhantes. Mas, hoje, especialmente no meu setor, não vivi ou vivo com nenhum comportamento opressivo ou excluente dos meus colegas.*



De acordo com Sabrina, ao assumir a função, foi preciso driblar os contratemplos impostos pela pandemia. Para que tudo desse certo, houve a necessidade de inovar de maneira rápida a fim de viabilizar o teletrabalho para a maioria dos colaboradores e operacionalizar as sessões deliberativas remotas.

— *O maior desafio foi tornar possível a realização de sessões e o assessoramento ao presidente do Senado de dentro de uma sala do Prodasen, mas conhecido como “bunker, o nosso “novo” Plenário. Mas o teletrabalho nos surpreendeu. Imaginávamos que alguns setores primordiais da SGM teriam muitas dificuldades para trabalhar remotamente, mas as equipes puderam reinventar seus processos e manter o nível de suas produções* — salientou.

Sobre os caminhos que levarão aos esperados avanços no quesito da equidade, Sabrina acredita que “estamos evoluindo, mas ainda falta modelos ‘tradicionais’ de gestão feminina que inspirem. Muitas instituições mais conservadoras, predominantemente masculinas, estão descobrindo os benefícios de compartilharem lugares de lideranças com as mulheres”.



Conciliando papéis — À frente da Secretaria da Comissão de Direitos Humanos (CDH), Mariana Frizzera ressalta que conciliar o trabalho a maternidade e a rotina familiar ainda é uma missão que exige mais da mulher. Outra dificuldade enfrentada pelas lideranças femininas, disse, é a discriminação e a resistência que ainda existem.

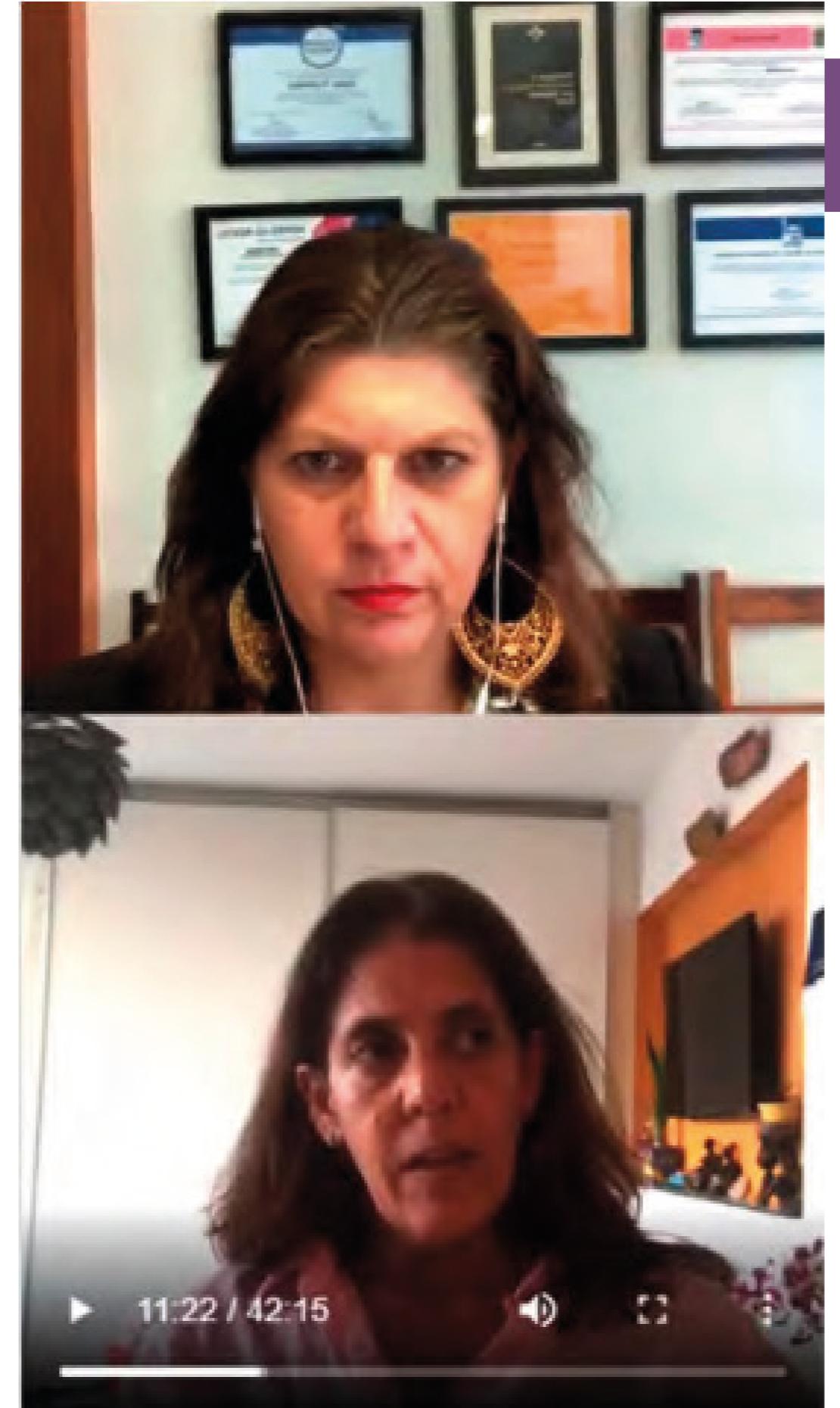
— *Percebi que o preconceito é facilmente vencido quando você demonstra competência, responsabilidade, conhecimento e habilidade na liderança. Quando você pratica uma escuta ativa das pessoas, busca distribuir as tarefas de acordo com as habilidades de cada um e entrega resultados com eficiência, o que depende do ajuste de toda a equipe pela liderança* — declarou.

Para Mariana, houve avanços na equidade de gênero no mercado de trabalho, mas ainda há uma longa trajetória pela frente: “*Quando penso na minha avó, que nunca trabalhou e que viveu em uma sociedade totalmente patriarcal, percebo o quanto avançamos em relação à minha mãe, que até hoje é uma mulher muito ativa que me serve de exemplo e inspiração no trabalho. Também houve mudanças significativas da geração da minha mãe para a minha*”.

— *Acho que isso [a busca pela equidade] passa necessariamente pela educação das crianças e jovens. Desde cedo, todas devem ser ensinadas que são capazes de exercer a liderança, desde que aprendam as habilidades necessárias. Os meninos precisam aprender também a realizar os cuidados com a casa e com os demais familiares, assim como as meninas* — concluiu.



E nos esportes? – Em setembro, Ilana Trombka conversou com a campeã olímpica de vôlei de praia Jaqueline Silva sobre equidade de gênero nos esportes. Durante o evento virtual, elas discutiram a necessidade de inclusão nas práticas desportivas.



— *Ainda falta muito no sentido de mulheres ocuparem cargos de direção. Entre as confederações, só conheço uma com uma mulher presidente. E isso é difícil porque são muitas mulheres atletas e existe todo um universo de mulheres que trabalham para os esportes. Às vezes, parece que as confederações são donas das modalidades, mas elas são feitas pelos atletas. O certo era existirem mais mulheres em cargos de poder, até para ajudar com pontos de vista* — defendeu a ex-jogadora.

A diretora-geral do Senado afirmou que os avanços dependem de entender melhor as necessidades de grupos sociais segregados para ajudar a promover a inclusão em áreas de gestão. Na visão dela, não é uma questão de empoderar quem sofre discriminação, mas saber como absorver o que eles têm a falar.

— *Ninguém precisa dar voz a mulheres, a idosos, a deficientes etc. Voz todos temos, então é preciso que a sociedade esteja disposta a escutá-los e que não deixe passar em branco a oportunidade de ouvi-los verdadeiramente* — disse.

Plano de Equidade — No ano passado, o Senado lançou o Plano de Equidade de Gênero e Raça para o período de 2019 a 2021.

O documento — o primeiro de um órgão da administração pública brasileira — permite à direção da Casa quantificar, acompanhar, orientar e avaliar as ações em favor da igualdade de oportunidades para servidoras e servidores no âmbito interno. A íntegra do plano pode ser conhecida [aqui](#).

De acordo com Dalva Moura, gestora do Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça, a Casa tem buscado romper paradigmas não apenas pelos processos seletivos internos, mas também por meio do empoderamento, com a realização de cursos, palestras e demais iniciativas voltadas à equidade.

— *É claro que é necessária uma desconstrução de determinadas ideias de como se enxerga a mulher. E esse é um dos nossos trabalhos do Comitê* — apontou.

VOLTAR

INÍCIO

1º
FILIPINAS
(43%)



2º
ÁFRICA DO SUL
(40%)



3º
POLÔNIA
(38%)



4º
MÉXICO
(37%)



8º
BRASIL
(25%)



Estudo da pesquisa do International Business Report da Grant Thornton aponta que o Brasil ocupa a 8ª colocação no ranking dos 32 países chefiados por mulheres.

E está acima da média global, que é 29% dos cargos de liderança sênior sendo ocupados por mulheres.

INÍCIO

GESTÃO

AVANÇAR

Gestores falam sobre aprendizados e legado deixados pelo teletrabalho

Após oito meses de trabalho remoto, as mudanças foram muitas: as reuniões passaram a ser virtuais, a conversa olho a olho foi substituída pelas chamadas de vídeo e o bate-papo com os colegas agora é on-line. Sim, um longo caminho foi percorrido até aqui. Mas, na prática, quais foram os aprendizados e desafios proporcionados pela experiência? Qual será o legado deixado pelo teletrabalho?

Para responder essas e outras perguntas, convidamos três gestores das áreas administrativa e legislativa da Casa para compartilharem suas vivências. Com visões particulares, eles nos presentearam com pontos de vista interessantes e surpreendentes.

Uma das entrevistadas foi a chefe de gabinete do senador Paulo Paim, Ivanete Feronatto, que lidera um setor com 23 colaboradores. Para a gestora, o receio de não obter o rendimento necessário foi o primeiro “monstro” a ser derrotado.

— *Somos muito demandados e estávamos acostumados a correr o tempo inteiro ali presencialmente. Veio a dúvida se a gente ia conseguir apresentar a eficiência esperada trabalhando a distância. Por isso, a primeira grande dificuldade foi transformar essa comunicação, que era tão afinada presencialmente* — explicou.



Ivanete ressalta que para driblar as barreiras foi preciso inovar: montar grupos diferentes, selecionar as atividades de maneira distinta e se abrir para reconhecer habilidades, por vezes, desconhecidas dos colaboradores. E o que parecia complicado foi se ajustando ao longo do tempo.

— *Fomos descobrindo talentos que antes não víamos. Percebemos que alguns profissionais conseguem se comunicar melhor a distância e outros nem tanto. Com certeza, é um trabalho que requer paciência e a capacidade de pensar no fator humano, em primeiro lugar.*

De acordo com a gestora, entre os principais ganhos oriundos da vivência estão o aumento do foco e do comprometimento do time. Por isso, ela define os últimos meses como difíceis, mas ricos em lições.

— *Acho que crescemos muito enquanto equipe. Mas estamos sentindo falta do café da manhã juntos, do convívio, temos um ambiente maravilhoso no gabinete e estamos com saudade* — concluiu Ivanete.





[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

AVANÇAR

Lidando com a fragilidade – Diretora da Secretaria de Relações Públicas, Publicidade e Marketing (SRPPM), Maria Cristina Monteiro comenta que as principais surpresas e dificuldades estão relacionadas à sobrecarga mental e ao acúmulo de atividades, provocados pela necessidade de conciliar as demandas domésticas com as profissionais.

— *Conciliar o teletrabalho com o cuidado da casa, da escola dos filhos e da saúde de todos tem sido um desafio diário, principalmente para nós, mulheres. Desde maio, tenho feito reuniões mensais com todas as pessoas da secretaria e percebo uma fragilização, em especial das colaboradoras, que vivem essa nova realidade durante o isolamento social* — disse.

Apesar dos obstáculos de comandar a distância um grupo de 93 colaboradores, Maria Cristina destaca que os aprendizados também são muitos, passam pelo aumento da empatia e pela capacidade de adaptação a cenários delicados, como o da pandemia.

— *Tenho aprendido a ser mais flexível comigo mesma e com os outros, pois tenho consciência que estou fazendo o melhor que posso dentro dessa nova realidade. Tenho sido mais empática e praticado uma escuta ativa com as pessoas que trabalham comigo. É muito importante, nesse momento, praticarmos uma gestão humanizada* — declarou.

Considerada uma área totalmente voltada ao presencial, com organização de eventos e atendimento a visitantes, as atividades da secretaria nos últimos meses foram direcionadas a questões que ficavam em segundo plano em situações normais.

— *Aproveitamos para fazer a revisão e atualização do manual de eventos do Senado, que é referência para órgãos legislativos, universidades e profissionais da área; e o planejamento e revisão de novos roteiros de visitação* — afirmou.



Casa preparada - Na opinião do servidor Aires Pereira das Neves, chefe do gabinete do senador Flávio Arns, foi “*uma grata surpresa perceber que a Casa já estava preparada para oferecer a infraestrutura para o teletrabalho da qual dispomos hoje*”.

— *É como se essas soluções já estivessem prontas, aguardando apenas por uma ocasião para que fossem lançadas, pois a oportunidade surgiu de uma maneira muito dramática, e deu tudo certo.*

Quanto aos obstáculos, Aires destaca que quebrar o paradigma do trabalho presencial na administração pública foi desafiador, especialmente em uma casa política, permanentemente observada e cobrada pela sociedade.

— *Penso que essa dificuldade foi superada com respostas à altura do Legislativo brasileiro, com legislações emergenciais necessárias para o socorro que nossa população tanto necessitou nesse período. Estou seguro de que temos cumprido muito bem com a nossa missão durante a pandemia. Blindamos nosso ambiente funcional, zelamos pelas vidas de nossos colaboradores e realizamos as entregas das quais o Brasil necessita* — assegurou.

Para Aires, os acontecimentos vividos desde março não deixaram apenas impactos pontuais, mas foram capazes de provocar profundas transformações em diversos aspectos referentes à gestão e aos relacionamentos interpessoais.

— *Inauguramos uma nova era, onde o Senado Federal jamais voltará a ser o de antes da pandemia. Pensou que nossos métodos de gestão e de articulação interna das equipes evoluíram, amadureceram. Substituímos o paradigma da presença corpórea pelo da presença funcional* — disse o chefe de gabinete.



Senso de comunidade fez a diferença

Em agosto, a diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, e o diretor-geral da Câmara dos Deputados, Sérgio Sampaio, se reuniram em live para discutir as mudanças no funcionamento das duas Casas em virtude da pandemia do novo coronavírus.

Na ocasião, Ilana ressaltou que o senso de comunidade fez muita diferença em meio à crise, lembrando que a Casa é formada, além dos senadores, por servidores efetivos, comissionados, terceirizados, estagiários e jovens aprendizes.

— Isso foi muito importante para que esse momento pudesse ser entendido por todo mundo com muita boa vontade, porque, assim como a Câmara, o Senado teve de fazer mudanças muito rapidamente. A gente teve uma compreensão enorme por todos os colegas com as dificuldades que teríamos.

Sérgio Sampaio, por sua vez, disse que tem conversado com todos os diretores da Câmara para entender as dificuldades do presente e prospectar o futuro pós-pandemia, que, avalia, trará outra realidade no serviço público, inclusive mais eficiência. Segundo ele, estão sendo desenvolvidos mecanismos de avaliação das atividades por setor e por servidor.

— E convergiu com o momento em que o presidente [da Câmara, Rodrigo Maia] nos encomendou uma reforma administrativa. A gente já vinha buscando a implementação e aperfeiçoamento de instrumentos de gestão. Isso tudo pode ser utilizado numa eventual decisão de manutenção dos serviços a distância.

Entre as medidas previstas, afirmou Sérgio, muitas já estavam prontas. *“Caso o novo normal demande o trabalho a distância, a direção-geral da Câmara terá mecanismos eficientes para assegurar o papel da Casa legislativa na tomada de decisões”*, assegurou.

O vídeo na íntegra pode ser conferido no perfil [@llana_Trombka](#).

LIVE

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Pesquisa feita com 334 pessoas que adotaram o home office na pandemia mostrou que:

100%

acreditam que é possível ser produtivo mesmo trabalhando de casa.

65 %

a disciplina é essencial para ter a autonomia e independência necessárias.

45 %

afirmam que as horas trabalhadas poderiam ser substituídas pelas entregas.

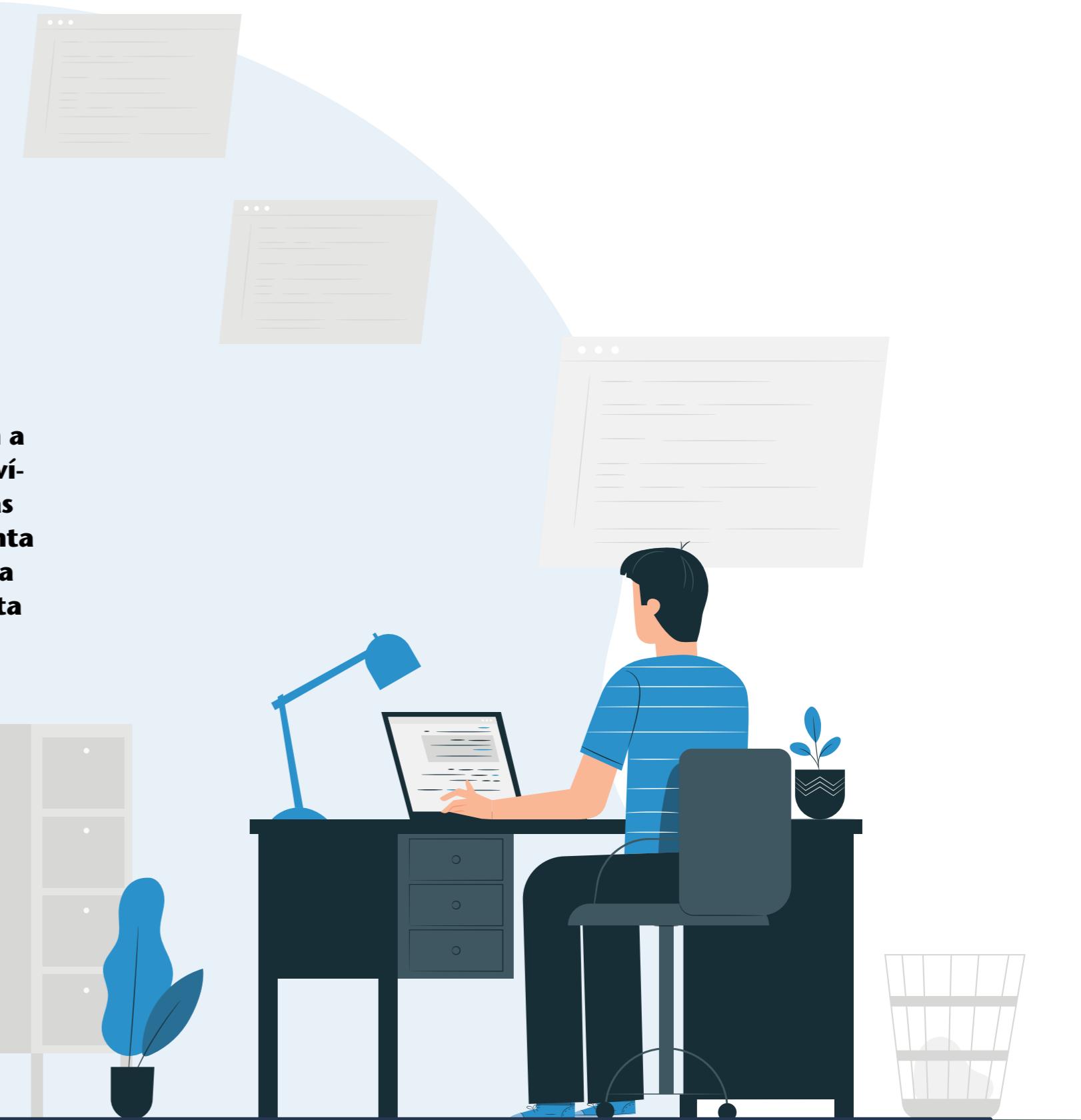
40 %

a colaboração será a chave do sucesso para o futuro que se aproxima.

46 %

interpretaram a realização de vídeo-chamadas como ferramenta poderosa para treinar a escuta ativa.

41 %



Fonte: HSM Management

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Diversidade temática e debates agradam espectadores de lives

Saúde feminina, governança corporativa, solidariedade, sustentabilidade. São algumas das temáticas debatidas pela diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, e seus convidados em lives realizadas nos últimos meses. Em um ano cheio de imprevisibilidades, os encontros virtuais trazem uma certeza: o diálogo é o caminho fundamental para rever conceitos e quebrar paradigmas.

Como parte das ações da campanha Outubro Rosa, Ilana conversou com a mastologista e ginecologista Daniele Calvano. No bate-papo, elas discutiram questões como fatores de risco para o câncer de mama e do colo do útero.



LIVE



— *A amamentação faz com que a mulher deixe de ser bombardeada pelos elementos que levam ao surgimento do câncer. A mama tem ciclo de desenvolvimento e só fica amadurecida em seu último estágio, que é na gestação. Todo órgão imaturo é mais propenso a acumular mutações e desenvolver uma célula de câncer* — explicou Daniele, que atua como responsável técnica das coordenações de saúde da Casa.

Para a diretora-geral, o Outubro Rosa é a oportunidade ideal para “trazer importantes alertas”: “*Eu perdi minha mãe para o câncer de mama e sei a dor que isso traz. Tudo que pudermos fazer para prevenir as doenças é um serviço público*”.



[VOLTAR | INÍCIO](#)

DGER.COM

AVANÇAR

No mês anterior, em setembro, Ilana dialogou com a diretora de desenvolvimento do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), Adriane Almeida. Na live, elas falaram sobre como boas práticas de gerenciamento em pequenas, médias e grandes empresas ajudam a construir uma sociedade melhor. O debate contou com um público participativo, que opinou e fez perguntas durante a conversa. Entre os expectadores da live, estava uma figura conhecida: a atriz, modelo e empresária Luiza Brunet.

Para a especialista convidada, a governança corporativa "acredita que a sociedade pode ser melhor por meio de boas empresas" e, independentemente da estrutura da instituição, é possível aplicar os princípios mais básicos. Segundo ela, questões como gerenciamento de dados e controle financeiro também devem ser consideradas.

VOLTAR | INÍCIO

Também em setembro, a diretora-geral recebeu o sócio-fundador da 5.1 Produções e Eventos e ex-vice-presidente do Rock in Rio, Paulo Felin. Na conversa, ele afirmou acreditar que a retomada completa dos grandes eventos só ocorrerá após a imunização de boa parte da população.



DGER.COM

@
LIVE

— Acredito que ainda vai um período longo. Vejo a questão da vacina com muito otimismo, mas eu também fico um pouco apreensivo. Enquanto não houver uma imunização em massa, ainda vamos sofrer um pouco com a questão dos eventos — disse.

AVANÇAR



Instagram
LIVE

Boas ações – No fim de agosto, a diretora da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) no Brasil, Marlova Noleto, participou de uma live sobre solidariedade e filantropia em tempos do novo coronavírus.

Na avaliação de Ilana, a gravidade das consequências da pandemia varia de acordo com a vulnerabilidade de cada família.

Grupos sociais como as mulheres, negros e deficientes, disse, se tornaram mais suscetíveis, e é necessário, por isso, um grande esforço para que os impactos sejam reduzidos. Para a diretora do Senado, contudo, muitas vezes o foco das discussões sobre a covid-19 está equivocado.

— *Essa discussão que se travou por muito tempo entre saúde e economia me parece imprópria, pois não existe essa oposição. Temos de trabalhar em cooperação entre as áreas* — afirmou.



[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

[AVANÇAR](#)

Um dos pontos apresentados por Marlova foi sobre como o novo coronavírus evidenciou e acirrou diferenças entre classes sociais, especialmente no acesso ao ensino. Na visão dela, os gargalos econômicos que separam diferentes tipos de estudantes deixaram diversos jovens em desvantagem após o início da quarentena.

— *A pandemia aprofundou as desigualdades, sobretudo as educacionais. Os alunos de escolas públicas têm mais dificuldade do que os das privadas para ter computador e acesso à internet. Essa é uma questão chave. Não podemos nos esquecer de que a pandemia pegou os sistemas educacionais despreparados, e os professores, via de regra, não tinham as ferramentas para simplesmente sair dando as aulas on-line. Ensino remoto é diferente de educação a distância* — explicou.

VOLTAR | INÍCIO

Ainda em agosto, Ilana recebeu a gerente de Negócios Sustentáveis do Sebrae em Mato Grosso, Suenia Sousa. Na live, as duas discutiram a importância de a Casa investir em sustentabilidade e apresentaram exemplos de como implantar uma nova filosofia em organizações e empresas. Na conversa, a convidada ressaltou que é preciso aliar os princípios de preservar a natureza com o funcionamento da economia mundial.

— *Deve-se falar explicitamente em um equilíbrio entre produzir e consumir, de forma que possamos olhar toda a cadeia, e a economia seja contemplada por redução de desperdícios. Em linguagem simplificada, é respeitar as condições sociais e implementar questões culturais, impactando o mínimo possível o meio ambiente.*



DGER.COM

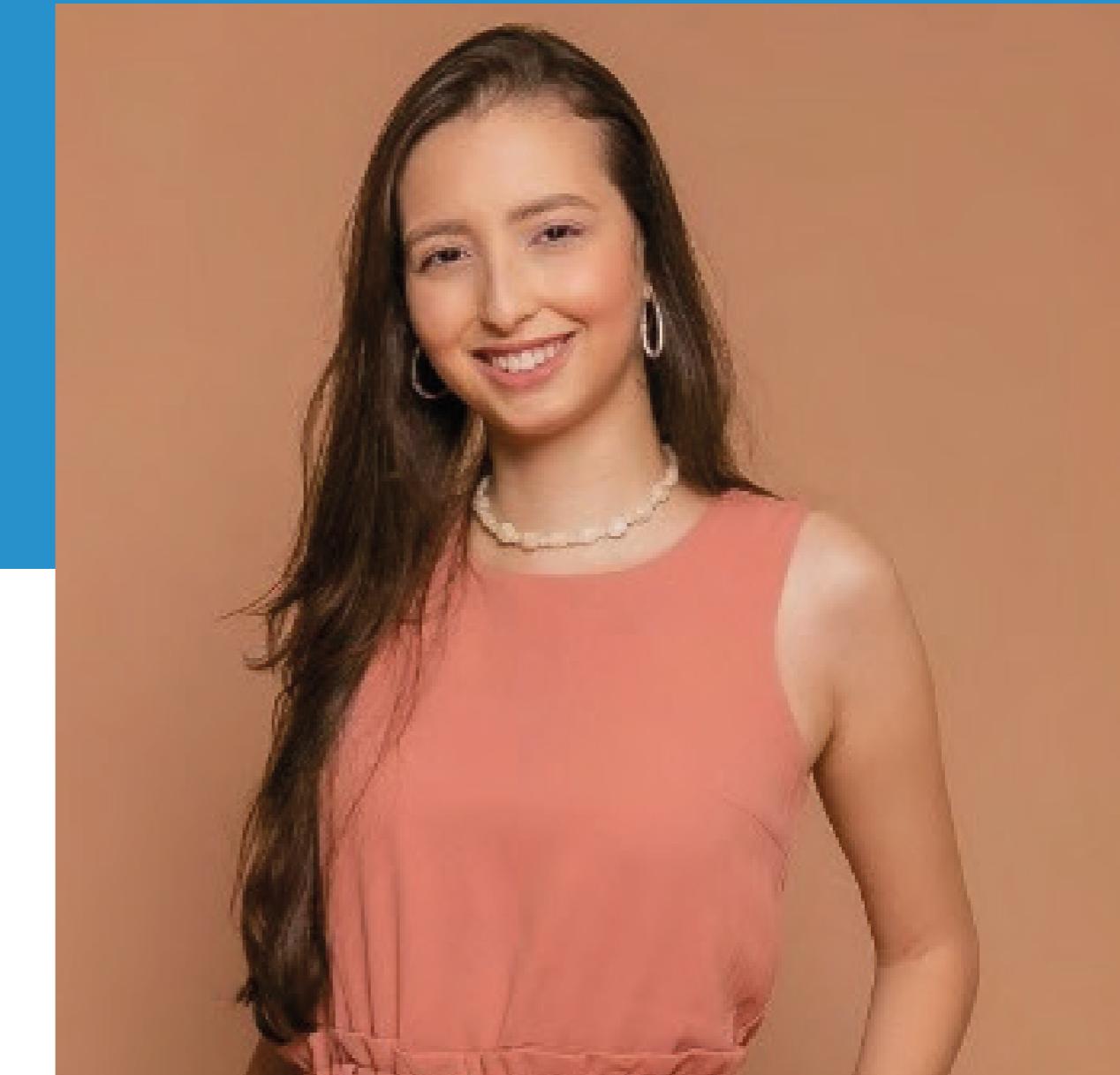
AVANÇAR



Conteúdo aprovado – Diretor da Secretaria de Finanças, Orçamento e Contabilidade (Safin), Fernando Rincon salienta que costuma acompanhar os eventos virtuais e tem gosto: “As lives sempre trazem um excelente debate sobre temas relevantes para o atual momento. Os convidados são pessoas de referência em suas áreas de atuação e compartilham experiências que podem redirecionar a nossa percepção sobre o mundo atual”.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM



Liliane Gomes Siqueira, do Núcleo de Apoio à Inovação (Nainova), acredita que as discussões “trouxeram várias percepções sobre como o Senado e diversos órgãos públicos têm buscado operar a inovação e a percebem como um potencializador para as organizações e seus colaboradores”.

AVANÇAR

Senado contrata consultoria para propor modernização organizacional

Nos últimos anos, a Administração do Senado aperfeiçou processos produtivos, azeitou fluxos, tudo para “fazer mais com menos”, um dos mantras da Diretoria-Geral (DGer). O êxito se reflete no reconhecimento público alcançado por setores distintos como o de compras e contratações e de sustentabilidade, entre outros. Agora, a Diretoria-Geral persegue o cenário seguinte: o da modernização organizacional, baseada num desenho diferente, que possibilite, por exemplo, enxergar a otimização de cada processo e do pessoal nele envolvido. O primeiro passo está dado: o Senado contratou a consultoria da Fundação Instituto de Administração (FIA).

Pelo contrato, a FIA vai analisar processos e fluxos e, a partir daí, formular propostas envolvendo três eixos: reorganização administrativa; política de gestão de pessoas; e modelagem de sistema de monitoramento e avaliação da gestão institucional.



Como explicou Marcio Tancredi, diretor-executivo de Gestão, a busca pela consultoria é uma resposta ao cenário de restrição orçamentária, estrutural e de recursos humanos na administração pública.

— *Com o devido rigor técnico, o Senado estará apto, já no começo de 2021, a efetivamente desenvolver um programa abrangente de modernização institucional, sintonizado às demandas da sociedade brasileira pela otimização da máquina pública e pela redução de gastos, potencializando, com isso, sua missão constitucional como organismo integrante do Congresso Nacional e como Casa da Federação brasileira.*



Para que tudo aconteça no prazo de seis meses, que está previsto em contrato, consultores da FIA têm se reunido com equipes da DGer. Adriano Torres, assessor técnico da DGer, conta que os dois primeiros encontros tiveram ampla participação de diretores da Casa.

— *Essas reuniões são importantes para alinhar expectativas, aproximar os servidores do trabalho e quebrar barreiras que porventura existam. Além disso, os consultores estão se reunindo de maneira individual com cada diretoria, o que reforça ainda mais um dos fundamentos do projeto: que é a construção dos produtos de maneira colaborativa.*

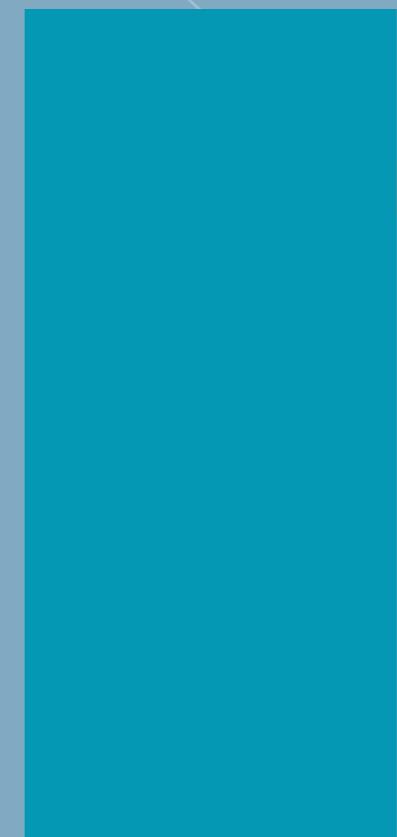
A FIA foi uma das entidades que responderam ao chamamento do Senado em busca de consultoria especializada e sua contratação se baseou no art. 24 da Lei nº 8.666/1993, que dispensa a licitação no caso de contrato com instituição brasileira incumbida regimental ou estatutariamente da pesquisa, do ensino ou do desenvolvimento institucional, desde que detenha inquestionável reputação ético-profissional e não tenha fins lucrativos.

Em ano de exceção, Nainova reinventa metas e dá suporte a setores da Casa

Inovação. Palavra muito utilizada nos últimos meses, seja para falar da importância de se reinventar em tempos de pandemia ou para se preparar para o tão esperado “novo normal”. No Senado, um dos setores que têm protagonizado importantes movimentos de mudanças e de readequação de planos é o Núcleo de Apoio à Inovação (Nainova).

Liderado por Henrique Porath, o núcleo entendeu, ainda em março, que seu principal desafio em 2020 seria lidar com a imprevisibilidade causada pela crise sanitária.

— *Em razão da pandemia, fizemos um novo planejamento, procurando entender os desafios que se colocavam à nossa frente e como poderíamos contribuir para seu tratamento. O foco passou a ser o de apoiar as equipes do Senado na transição ao trabalho remoto; produzindo reflexões sobre suas rotinas, e a experimentação em torno das ferramentas de colaboração on-line disponibilizadas — explicou Henrique.*



Diante do novo cenário, a saída foi redesenhar a programação e verificar as frentes em que o Nainova poderia contribuir, ressalta Henrique. A partir desse trabalho, surgiram ações como a série ‘Teletrabalho, e agora?’, a elaboração e disponibilização de tutoriais sobre o office 365, a criação de um fórum para o compartilhamento de experiências, as oficinas de organização para o trabalho remoto e a adoção de novas ferramentas colaborativas.



Ao todo, pelo menos **1,4 mil** usuários visitaram o hotsite “Do Home ao Office”, página onde estão disponíveis todas as iniciativas do núcleo.

A cada semana, cerca de **155** internautas têm acessado o portal.

Além disso, houve **40** citações e matérias sobre o assunto em veículos variados, como o Correio Braziliense e a Agência Servidores.

Por falar em números, quase **1,8 mil** pessoas visualizaram a série “Teletrabalho, e agora?” e **213** colaboradores foram impactados pelas oficinas promovidas.

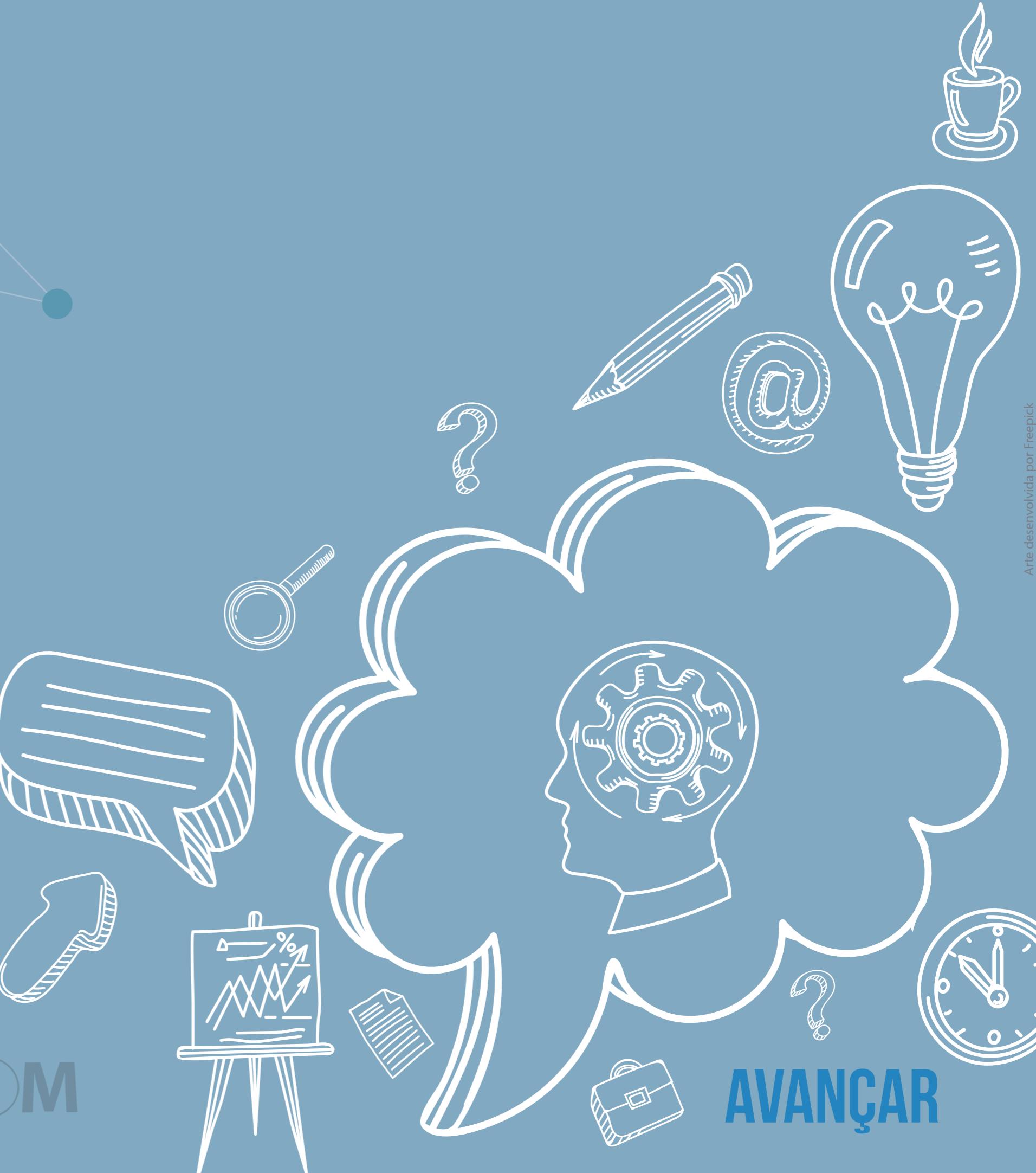
— *Atualmente, percebemos os setores bem adaptados à realidade imposta e entendemos que é necessário planejar os próximos passos para a atuação frente aos desafios de nosso tempo. Paralelamente, ocorre um retorno à participação em projetos de demanda pontual* — afirmou Henrique.

Para o gestor, a capacidade de inovar é um fator estruturante de qualquer organização social e, como tal, produz seus frutos em proporção à alocação de energia, individual e institucional: *“Em momentos de disruptão, em que o nunca antes se torna o agora, o esforço pró-inovação ganha destaque. As pessoas, que procuram maneiras de equilibrar sua plêiade de demandas, reconhecem e implementam experimentos de organização pessoal e coletiva”*.

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

AVANÇAR





[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)



Impactos para os participantes –

Chefe do Serviço de Saúde Ocupacional e Qualidade de Vida no Trabalho (SesoQVT), Marina Vahle, e alguns integrantes de sua equipe marcaram presença na oficina que teve como tema a “organização para o trabalho remoto”. Segundo a gestora, algumas melhorias ocorreram a partir da experiência.

— Foi ótimo. Estabelecemos uma nova forma de trabalhar virtualmente, pelo Teams. Antes havia grande resistência, mas facilitou bastante. Nos apropriamos mais das ferramentas e ficou tudo mais organizado — disse.

Clarissa Antão, coordenadora-geral do Escritório Setorial de Gestão da SGIdoc, participou da oficina na companhia de seus chefiados. Segundo ela, os conteúdos trouxeram tranquilidade ao grupo.

*— A chefe ficou mais aliviada porque a equipe ficou mais aliviada. A oficina trouxe esclarecimentos e uniformidade nas emoções — salientou Clarissa, que ressaltou a evidente melhora no desempenho coletivo: “*Desde então, fazemos chat com todos os setores, reuniões. Melhorou a comunicação (entre as equipes), aprimorando a organização e o trabalho*”.*

Roberta Lys, diretora da Secretaria de Atas e Diários, destacou, ao fim de uma oficina, a alegria em perceber que estão todos voltados para a mesma intenção de se adaptar da melhor maneira às transformações que estão por vir.

— Esse novo normal depende de como cada um vai encarar. Será muito importante mapear melhor as atividades e a potencialidade das ferramentas que vocês apresentaram para a gente [na oficina].

[AVANÇAR](#)

Inovação na gestão pública

Dentro desse contexto, a diretora-geral, Ilana Trombka conversou, em outubro, com Gabriela Tamura, diretora e fundadora do WeGov. A startup foi criada para estimular ações inovadoras no setor público, apontando caminhos mais efetivos para prestação de um serviço de excelência. Na ocasião, elas falaram sobre os novos modelos de gestão e sobre os desafios enfrentados pelas organizações na busca por métodos inovadores durante a pandemia.

Durante o encontro, Gabriela falou sobre as adversidades enfrentadas pelo WeGov no início da crise sanitária.

Segundo ela, todos os contratos da empresa foram cancelados já em abril.

Diante do quadro inesperado e desafiador, a solução veio da reflexão sobre a essência e ideais que norteiam a organização.

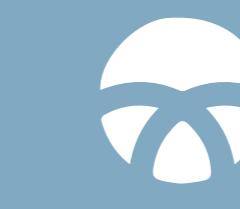


— *A gente olhou para nossa razão de existir. Existimos para ajudar o setor público a entregar melhor o serviço para o cidadão. Esse foi um momento também muito difícil. Pegamos o que tínhamos de melhor: nossa agilidade e a capacidade de aprender métodos muito rápidos e em um mês e meio depois estávamos com um método de trabalho diferente. Para mim, a razão de existir a inovação é que ela precisa melhorar a vida das pessoas. E o setor público existe para isso.*

Para Ilana, inovação é modelo mental: “É você estar aberto para outras opções e possibilidades que sempre foram dadas as mesmas respostas. A semente da inovação é o ‘por que não?’ Pode ser até que ao final você descubra que não, que aquele processo não é o melhor. Por isso, costumo dizer que quando a resposta é ‘porque sempre foi assim’ é porque não tem resposta”.

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)



 **wegov**

[AVANÇAR](#)

Servidores compartilham avanços digitais com outros parlamentos

O webinar Legistech pela democracia, realizado em setembro pela Bússola Tech, serviu para os representantes do Senado mostrarem a série de avanços tecnológicos da Casa nos últimos anos. A ideia foi mostrar que o pioneirismo do órgão ao implantar, em março, o Sistema de Deliberação Remota (SDR), não se deu por acaso.

Foi do que tratou, num dos painéis, o diretor-executivo de Gestão, Marcio Tancredi. Ele detalhou as soluções tecnológicas implantadas para otimizar processos e aumentar a transparência da instituição antes, durante e depois do período de isolamento social provocado pela pandemia de covid-19.

Inscrições Abertas | Vagas Limitadas

LEGISTECH FORUM 2020

CONFERÊNCIA GLOBAL EM TECNOLOGIA NO LEGISLATIVO

Online 26 e 27 de Outubro

INSCRIÇÕES GRATUITAS
legistechforum.co

UM PROJETO:
 BÚSSOLA tech

REALIZAÇÃO:
 BÚSSOLA tech Sindilegis Sindilegis Inteligov Xcel Administrativo

PATROCÍNIO:



[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

AVANÇAR

— *A resposta rápida do Senado no início da pandemia, ao disponibilizar o SDR, foi consequência de planejamento e organização já existentes* — explicou Tancredi.

Ele listou iniciativas como o plano de gestão para monitorar a produtividade dos servidores e a instalação recente de sistemas para facilitar a votação de matérias pelos senadores, como postos de votação drive-thru e totens em pontos estratégicos da Casa.

VOLTAR | INÍCIO



Aliado digital - O mediador do evento e CEO da Bússola Tech, Luis Kimaid, valeu-se do ponto de vista de Tancredi para opinar que não existe transparência sem a digitalização das ações. Em sua avaliação, novidades como as sessões remotas e teleconferências precisam ser incorporadas ao dia a dia de casas legislativas como forma de economizar recursos públicos.

— A tecnologia tem papel fundamental na melhoria dos processos legislativos. Será que é razoável uma Casa custear a passagem de um convidado de outro país? Não poderia usar uma ferramenta digital? O maior legado da situação atual é na mentalidade. Tecnologia não é periférico para as casas, é algo central e que gera uma resiliência para elas poderem responder à altura diante de problemas — afirmou.

Cooperação tecnológica - O diretor-executivo do Interlegis, Márcio Coimbra, apresentou nesse mesmo evento o Sistema de Apoio ao Processo Legislativo Remoto (SAPL-R), uma tecnologia moderna que tem permitido a realização de sessões deliberativas nas Câmaras Municipais e nas Assembleias. Desde março, o SAPL-R já capacitou aproximadamente 420 servidores de 227 parlamentos pelo Brasil.

— Esses resultados, em pouquíssimo tempo de implementação, nos dão a certeza de que temos a plena capacidade de encontrar, no menor tempo possível, soluções práticas e inteligentes para ajudar o Legislativo brasileiro em qualquer situação — avaliou Coimbra.



DGER.COM

AVANÇAR

E o sistema deve melhorar ainda mais. A promessa veio do coordenador do ILB, Luis Fernando Pires Machado, que projetou a atualização e a expansão do uso do SAPL-R, que em pouco tempo poderá se transformar numa alternativa de economia, transparência e inovação para todas as instituições parlamentares, independentemente das restrições provocadas por uma pandemia.

SDR é apresentado a parlamentos de língua portuguesa

Também em setembro, o XXI Encontro de Secretários-Gerais da Associação de Secretários-Gerais de Países de Língua Portuguesa (ASG-PLP) foi palco para servidores mostrarem como o Senado conseguiu superar um dos maiores desafios impostos pela covid-19: o isolamento social que impossibilitou a manutenção das sessões presenciais a partir de 16 de março.

O diretor-executivo de Gestão, Marcio Tancredi, mostrou aos colegas da Europa, África e Ásia que o Senado já possuía tecnologias que permitiram aos funcionários instituir rapidamente o teletrabalho. Tancredi também listou as principais medidas tecnológicas e sanitárias adotadas para garantir a segurança dos parlamentares e dos funcionários que não puderam adotar o regime de trabalho remoto.

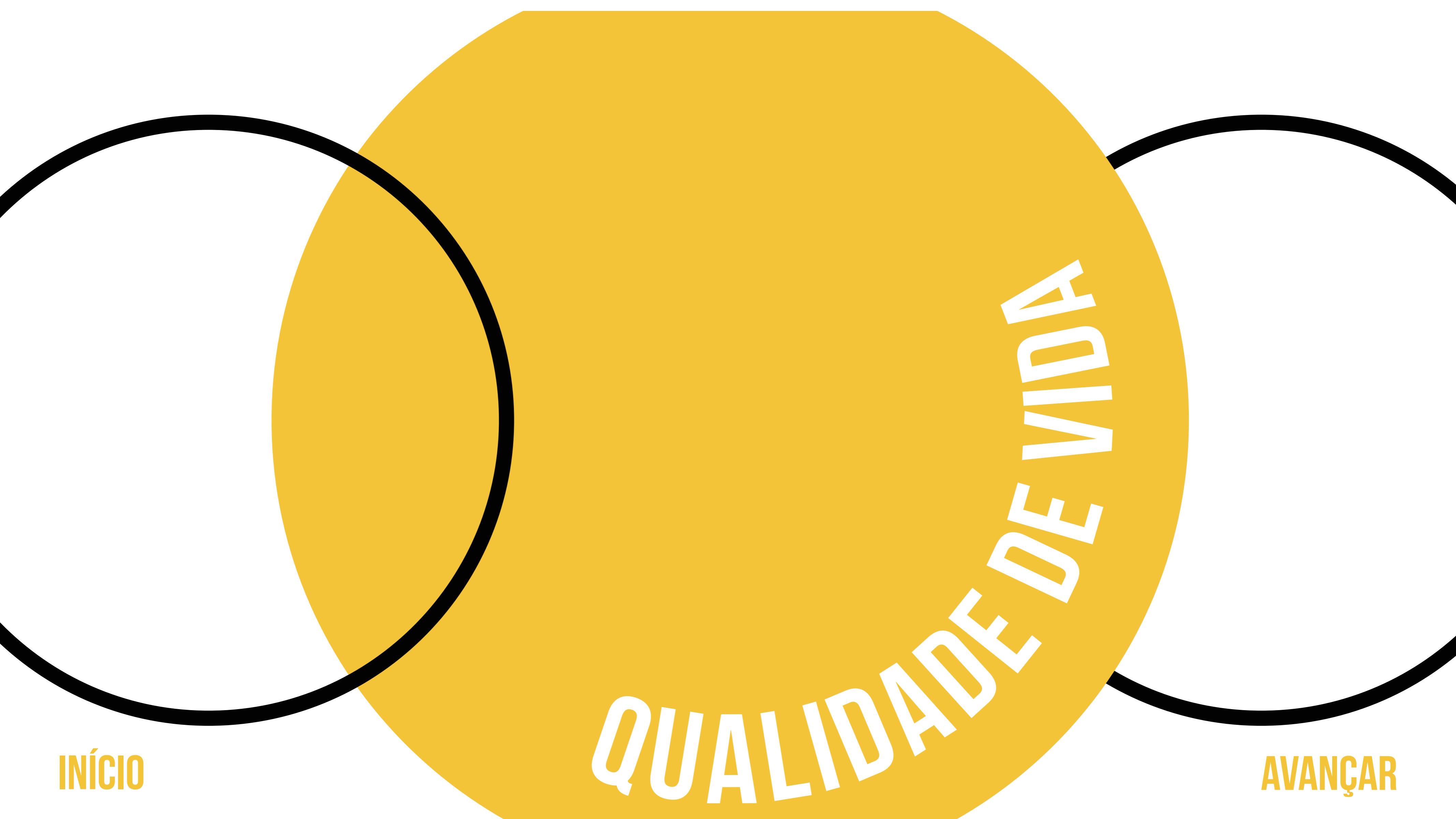


Já o secretário-geral da Mesa, Luiz Fernando Bandeira, detalhou o funcionamento do SDR, que permite votações seguras a distância. Explicou, por exemplo, que adaptações como o uso de telão - que possibilita ver todos os senadores simultaneamente - dão ao presidente a sensação de estar dialogando pessoalmente com cada orador. Destacou, também, o uso de um site autentificado para as votações, utilizando o login, senha, foto e código do senador, um conjunto de ferramentas que viabilizou o funcionamento contínuo do parlamento.

VOLTAR

DGER.COM

INÍCIO



INÍCIO

QUALIDADE DE VIDA

AVANÇAR

Mudanças no SIS prometem melhor atendimento aos usuários

"O processo de credenciamento e criação da rede própria do Sistema Integrado de Saúde (SIS) no Distrito Federal estão em pleno andamento", assegura o coordenador de Atendimento e Relacionamento, Geovane Resende. Ao todo, já são 120 prestadores credenciados. Para os usuários, a novidade é sinônimo de atendimento diferenciado e de qualidade.

O servidor Matheus Medeiros, coordenador de Pessoal Ativo, usou a rede credenciada recentemente e aprovou a experiência. Ele acompanhou a esposa em um atendimento de emergência pertinho de casa, no Hospital Águas Claras.

— *A equipe se preocupou do momento que entramos ao que saímos. Cada etapa parecia ser cuidadosamente pensada. Todos pareciam estar bem alinhados e a recepção estava preparada para o momento, respeitando o devido distanciamento social. Foi uma escolha excelente do Senado firmar essa parceria* — comentou Matheus.

O consultor legislativo Daniel Carvalho tem percepção semelhante: *"O atendimento foi bom, a estrutura do hospital muito boa e os funcionários atenciosos. É excelente ter rede própria, pois amplia as possibilidades em uma rede diferenciada, o que nos dá mais conforto"*.



[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

[AVANÇAR](#)



Processo de credenciamento — Geovane Resende ressalta que o processo de abertura do atendimento exige ajustes operacionais internos e com cada prestador de saúde.

— *Gradativamente, abriremos a rede credenciada própria. Atualmente, já estamos com os seguintes prestadores pelo SIS: Hospitais Sírio-Libanês de Brasília e de São Paulo, Hospital DFStar, Hospital Albert Einstein em SP e Hospital Águas Claras* — destacou Geovane.

Segundo o coordenador, o SIS está credenciando clínicas, hospitais e profissionais de saúde para montar uma rede direta de atendimento no DF, além daquela oferecida pelo Saúde Caixa. Isso é importante, destaca, especialmente para que os 17 mil associados do SIS tenham acesso a uma assistência de excelência.

— *Entre outras vantagens, o credenciamento próprio garante autonomia para autorizar procedimentos mais modernos, quando necessários; realização de negociações que tragam economia para o plano e maior controle da assistência à saúde realizada por cada prestador. Com a gestão direta, também há simplificação na prestação de contas do plano aos associados, fortalecendo a transparência.*

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

AVANÇAR

SIS

Outras novidades – Para acompanhar o momento de transformação do plano de saúde, o SIS lançou em setembro sua nova marca. Segundo a designer Mayra Ueda, da Coordenação de Publicidade e Marketing (Comap), o projeto levou em conta uma identidade mais moderna, mesmo mantendo uma relação com a anterior, como, por exemplo, as três letras pelas quais o plano é conhecido e o azul como a cor base.

— *Era importante fazer uma mudança visível e não uma variação do que já existia* — explica a designer que assina o trabalho.

Também no time que desenvolveu o novo logotipo do SIS, a publicitária Roberta Mesquita acredita que ele reflete o profissionalismo que o plano de saúde vem agregando ao atendimento das 17,2 mil pessoas conveniadas.

— *O SIS vem investindo em várias frentes, como o treinamento da equipe, o portal agora mais completo, os novos canais de comunicação [o mais recente é o WhatsApp no número 3303-5000] e as cartilhas informativas com as dúvidas frequentes dos usuários. Tudo isso mostra o interesse de estar mais perto do beneficiário, e a nova marca acompanha essa tendência* — diz Roberta.

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

AVANÇAR

VOLTAR



Duas carteirinhas – Desde setembro, os beneficiários associados ao SIS do Senado passaram a ter duas carteirinhas: uma do convênio com o Saúde Caixa e outra da nova rede direta de credenciados.

Em qualquer atendimento no Distrito Federal, a carteirinha do SIS deve ser a primeira opção dos usuários, pois isso fortalecerá a rede própria. Caso não haja ainda o convênio, a carteira do Saúde Caixa deve, então, ser apresentada.

A carteira do Saúde Caixa também é a única opção se o beneficiário estiver fora do Distrito Federal; a exceção são os dois hospitais de notória especialidade de São Paulo já conveniados diretamente com o SIS.

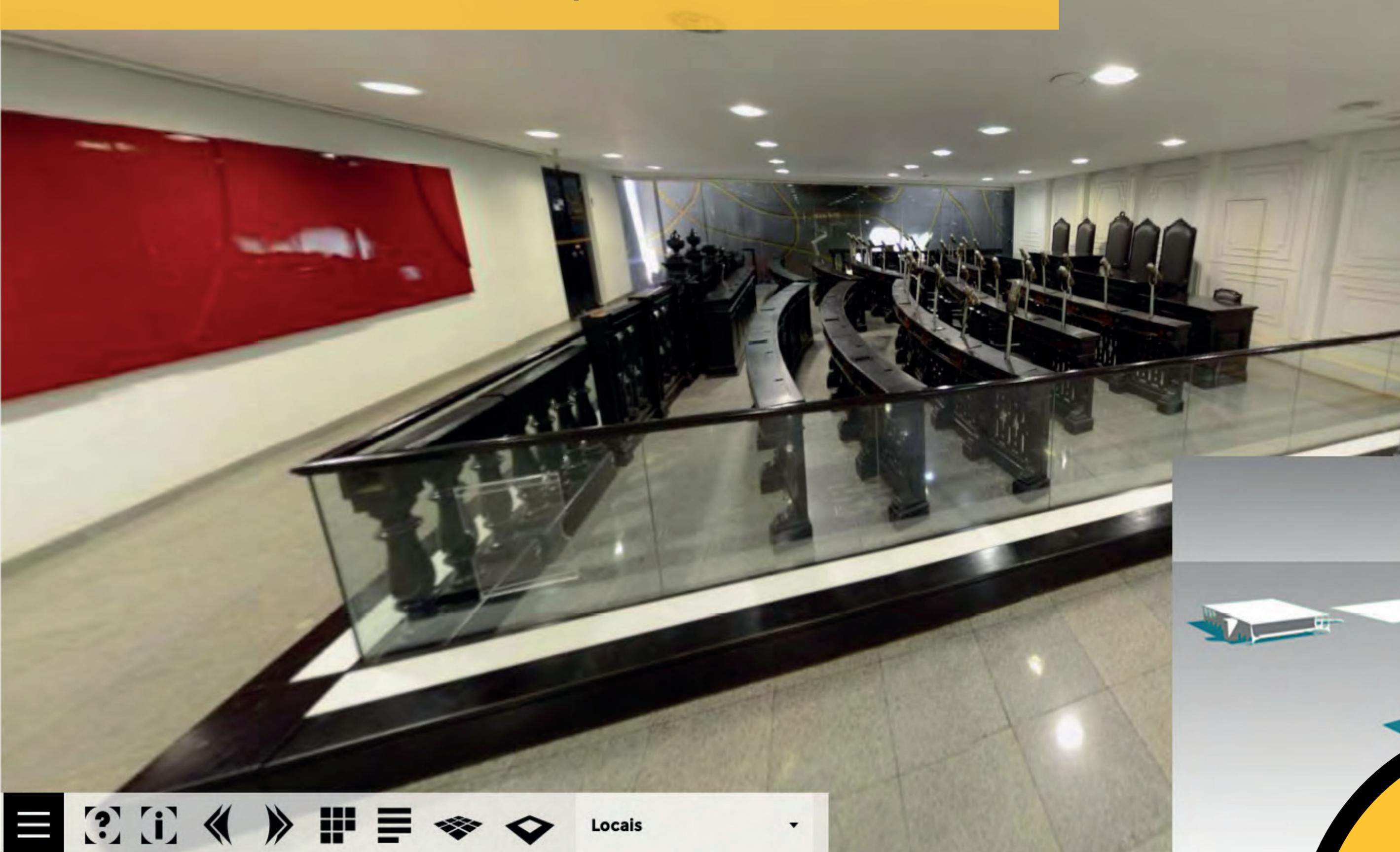
No site do SIS, os usuários encontram a opção de imprimir as duas carteiras digitais. Ao clicar em "Carterinha do SIS", o beneficiário é direcionado para uma área exclusiva na qual é pedido o CPF e a data de nascimento do titular do plano. As duas carteiras aparecerão lado a lado. A carteira do Saúde Caixa, além de digital, também será entregue na residência do usuário, como nos anos anteriores.

DGER.COM

INÍCIO



Passeios virtuais colocam cidadãos dentro do Senado e da história do país



☰ ☰ ⓘ < > 🏠 ⚙️ 🔍 Locais

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

Acesse aqui o
tour virtual

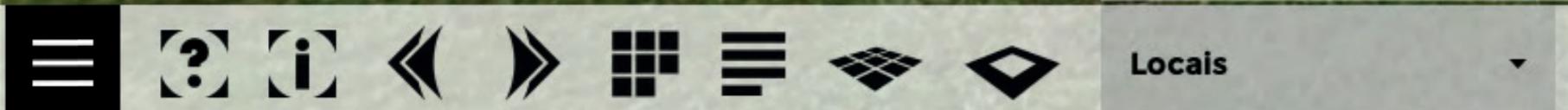
AVANÇAR

Suspensa desde março em razão da pandemia de covid-19, a visita guiada ao Congresso Nacional tem, por enquanto, um substituto. É o tour virtual, que permite aos cidadãos de qualquer lugar do mundo conhecerem as principais instalações da Câmara e do Senado e a história de cada uma das casas.

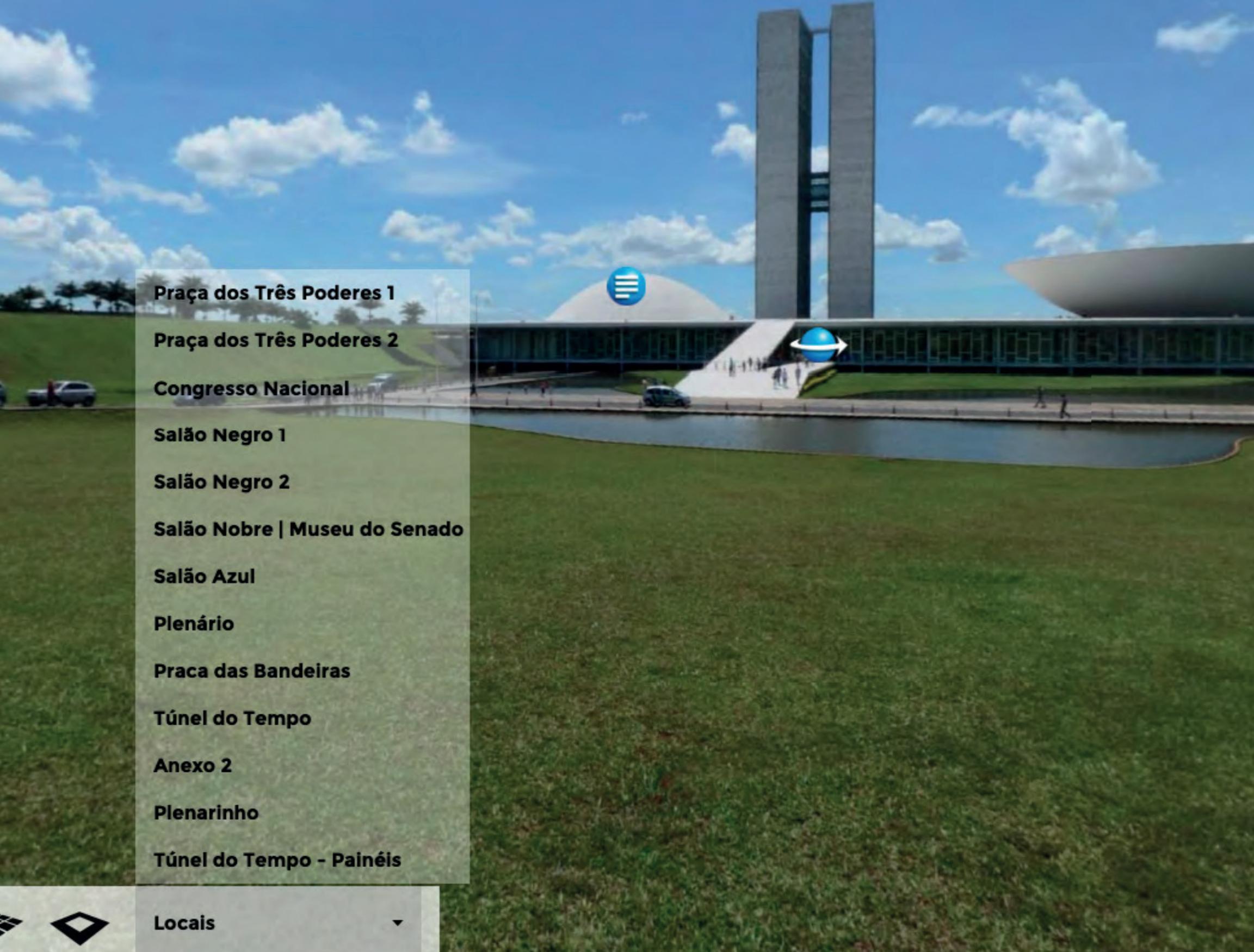
História, aliás, é o que move outra aposta on-line: uma exposição, aberta em setembro e que segue até novembro na [página do Museu do Senado](#), sobre os processos que levaram o Brasil à Independência, em 1822, e, depois, à República, em 1889.



Visita Virtual - Segundo Marília Serra Monteiro, coordenadora de Visitação Institucional e de Relacionamento com a Comunidade (Covisita), o tour virtual apresenta todos os ambientes que compõem o roteiro da visita guiada presencial, como os plenários e salões das duas Casas.



Locais

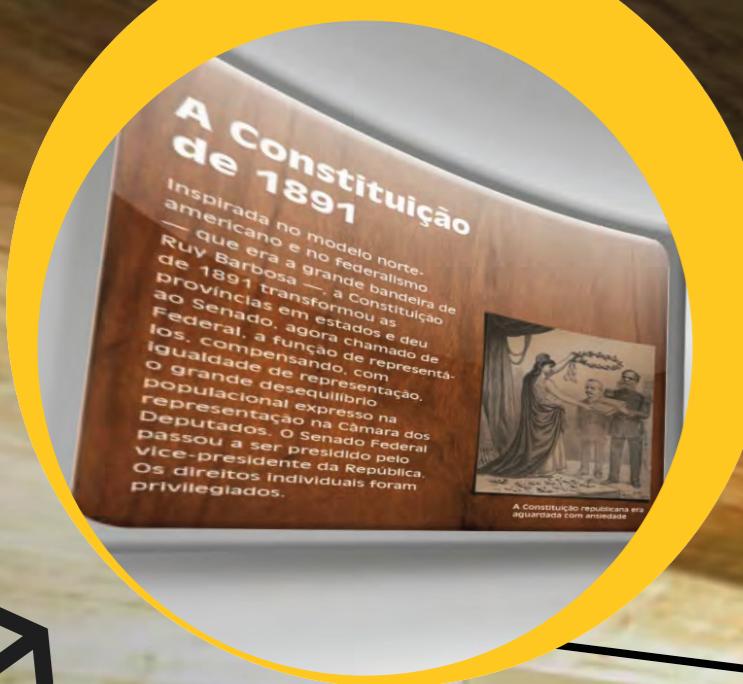


VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Enquanto navega pelo site, o usuário tem acesso a áudios e textos explicativos de cada espaço, como se estivesse no local, permitindo que ele conheça, em uma visualização 360°, detalhes dos ambientes, das obras de arte, das exposições e do mobiliário que fazem parte do Senado e da Câmara.



Marília acrescenta que essa também é uma opção para quem deseja visitar o Congresso sem sair de casa. E uma oportunidade, diz, de conhecer com mais detalhes a história do Legislativo.



— No túnel do tempo, por exemplo, que liga o Edifício Principal ao Anexo 2 do Senado, há uma exposição que conta os principais acontecimentos do Senado, do Império aos dias atuais. Mas na visita presencial não dá tempo de ler tudo. Em casa há essa possibilidade.

Até que o serviço seja retomado, a equipe da Covisita trabalha na revisão dos roteiros e no planejamento do novo protocolo a ser adotado devido ao novo coronavírus.

EXPOSIÇÃO

[CONFIRA AQUI](#)

Brasil: da Monarquia à República

Em cartaz

Brasil: da Monarquia à
República

A partir de 8 setembro de 2020

Museu – Outra boa pedida é passear pela história do Brasil, desde a era colonial até a proclamação da República. Isso é possível graças à exposição Brasil: da Monarquia à República, que segue até o final de novembro. Iniciativa do Museu do Senado, a mostra virtual traz 15 galerias que incluem vídeos e obras de arte diversas, além de fotografias, charges da época, documentos históricos, mapas e gráficos.



Quadro "A Pátria" (1919), de Pedro Bruno

[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

DGER.COM

AVANÇAR

Diretora-geral da Casa, Ilana

Trombka lembra que a mostra é uma iniciativa do Museu, unidade vinculada à Secretaria de Gestão de Informação e Documentação (SGidoc), como uma forma de brindar o público interessado pela história do país.

— *É uma iniciativa que traz conhecimento de forma lúdica, interessante, de maneira segura, uma vez que se pode navegar pela exposição de forma virtual. O distanciamento social, provocado pela crise do coronavírus, não vai impedir aqueles que querem prestigiar a história brasileira e a cultura do Brasil de visitar a mostra.*



Professor de história e consultor do Senado, José Dantas Filho é o responsável pela curadoria da exposição, que revela ao visitante dois momentos cruciais do país no século 19: os processos políticos que levaram à Independência e, depois, à proclamação da República.

Ao longo da narrativa os visitantes encontrarão dicas de livros que podem ser baixados gratuitamente da Livraria do Senado, além de minuciosas referências para as fontes utilizadas na exposição — praticamente todas elas, disponíveis na Biblioteca e no Arquivo do Senado.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

EXPOSIÇÃO

[CONFIRA AQUI](#)



Em cartaz
Museu do Senado Federal

Permanente

arquivo
biblioteca
museu

Memória do Senado



Anteriores

Arquivo, Biblioteca e Museu:
Memória do Senado

13 MAI 2019 – 07 JUN 2019

EXPOSIÇÃO
[CONFIRA AQUI](#)

VOLTAR | INÍCIO

Segundo o coordenador do Museu, Alan Silva, a exposição foi produzida para ser vista em qualquer tipo de computador ou celular. Os organizadores, afirmam, privilegiaram a simplicidade, valorizando os conteúdos no lugar dos recursos visuais de ponta, para alcançar o máximo possível de visitantes, inclusive aqueles que não dispõem de internet rápida ou de equipamentos de alta performance.

— *Nosso principal objetivo é levar a história ao cidadão* — diz Alan, lembrando que a exposição, baseada em extensa pesquisa, reúne, sobretudo, imagens colhidas em fontes externas. Mas também apresenta algumas peças do acervo permanente da Casa, além de vídeos produzidos pela TV Senado.



AVANÇAR

**Números de interações
relacionadas à exposição
do Museu:**



Matéria da Agência Senado

565

visualizações no
portal do Senado

**Matéria da
Rádio Senado**

78

visualizações
no site

**Posts da Rádio
Senado no Instagram**

(em 14 e 29 de setembro)

262

impressões e

257

ações

**Post da TV Senado
no Facebook**

610

visualizações e

58

interações

**Post no Twitter
em 9/9/20**

832

impressões,
18
interações

**Matéria da TV Senado
no YouTube**

296

visualizações

Os dados são da Secretaria de Comunicação Social (Secom) e
são referentes ao período de 8 de setembro a 15 de outubro deste ano.

VOLTAR

DGER.COM

INÍCIO



Redação/Edição e Revisão de textos: Nilo Bairros e Patrícia Fernandes

Diagramação e Arte: Thomás Côrtes e Lucas Dias

Fotos: Gabriel Matos, Núcleo de Intranet, Agência Senado e arquivos das áreas

Fontes Utilizadas: Núcleo de Intranet, Agência Senado e textos das áreas

Diretora-Geral do Senado Federal: Ilana Trombka

Brasília, 12 de novembro 2020